



GERAÇÕES / BRASIL



BOLETIM DA SOCIEDADE GENEALÓGICA JUDAICA DO BRASIL
דורות ברזיל

Maio 2000

Semestral

Volume 9

Memórias da Comunidade Israelita de S. Paulo Os Judeus Italianos e o Brasil Os Últimos Cristãos-Novos de Vilarinhos dos Galegos (Portugal)



Ainda nesta edição

Abracadabra, Ciro Gomes,

Lançamentos,

Endereços Úteis,

Obituário: Argalji, Sztulman, Dias Gomes, Rabino

Chereim, Salem, Valiani, Safra, Rabino Souza, Cônsul

Malamud e Fernanda Sampaio

Editorial

O material que compõe este número é diversificado. Como no jazz, o tema condutor é o mesmo, porém cada solista nos dará a sua versão particular. Contaremos várias histórias do mundo judaico e suas peculiaridades. Marcos Firer diz do início da Comunidade Judaica em S. Paulo, observando-a pelo ângulo familiar. Anna Rosa Campagnano conta outra história fascinante e desconhecida, o itinerário dos judeus italianos em direção ao Brasil, durante as leis raciais. O historiador português António Pimenta de Castro, num texto emocionado, diz como acompanhou o progressivo desaparecimento dos judaizantes em Vilarinho dos Galegos. Aproveitando o momento, Paulo Valadares lembra um descendente de Branca Dias em evidência, o político Ciro Gomes. Mas não é só isso. Continuam algumas colunas que já estão se tornando fixas, como o “obituário” e as pequenas notas sobre muitos assuntos diferentes.

Este é o nono **Gerações/Brasil**. Apesar de todas as dificuldades não podemos reclamar do ano que terminou. O balanço de nossas atividades tem sido positivo. Publicamos material inédito dentro da história judaica. No número anterior, Marcos Feldman, narrou o assassinato de um colono judeu, no começo do século, e relacionou este episódio com um dos pontos centrais da história brasileira: a “Coluna Prestes”. Este trabalho teve repercussão e chegou inclusive a revista “**VEJA**”¹. Reuven Faingold, um de nossos editores, e que neste número, nos traz um delicioso artigo sobre “*Abracadabra*”, lançou o seu livro “*D. Pedro II na Terra Santa. Diário de Viagem – 1876*”. Ao mesmo tempo ele foi o curador de uma exposição belíssima intitulada “*Luzes do Império. D. Pedro II e o Mundo Judaico*” patrocinada pela Casa de Cultura de Israel e o SESC. Dois sócios, Carlos Barata e o deputado federal Cunha Bueno lançaram um trabalho magnífico o “*Dicionário dos Nomes de Famílias. 500 Anos de História do Brasil. 1500-2000*”. Assim nós tivemos as nossas pequenas vitórias. Boa leitura!

Nota

1 “*Mais uma da Coluna*”, Veja, 04-08-1999, p.26.

Memórias da Comunidade Israelita de S. Paulo My Memories on the Jewish Community of S. Paulo

Marcos Firer

Marcos Firer, former chairman of FISESP (Jewish Council of São Paulo). He tells about the first Jews that arrived to São Paulo in the early of the century and slowly formed the their ishuv, the people, their families as well as the birth of the local Jewish institutions.

Na entrada do Cemitério Israelita de Vila Mariana um túmulo chama a atenção, com as seguintes inscrições:

*Um Tal Ulmann, nascido na Alsácia em 1822, falecido em Ribeirão Preto em 1906 / Um Tal Ulmann, nascido no Peru em 1856, falecido em Ribeirão Preto em 1908 / Um Tal Gelber, nascido em 1888 na Áustria e falecido na Suíça em 1913*¹

São três gerações, pai, filho e genro do filho, que entretanto, através de suas ramificações representam quase 150 anos duma família judia no Brasil.

O primeiro **Ulmann** deixou a Alsácia no decorrer da revolução de 1848, que por sua vez, forçou o início da imigração dos judeus alemães para os EUA, Peru, que por sua vez, em virtude da riquezas minerais, serviu como ponto de atração para jovens aventureiros. Porém a rigorosa influência jesuítica perseguia os judeus, forçando-os á conversão ou a emigração para outros países latino-americanos mais tolerantes. O Brasil do tempo de D. Pedro II já abolira as restrições religiosas e o riqueza dos barões de café, atraia os mercadores de origem mista franco-alemã da religião mosaica. Portanto o velho **Ulmann** se estabeleceu na chamada Princesa do Café, Ribeirão Preto, onde por mais de trinta anos manteve um florescente estabelecimento comercial. As filhas e netas, por sua vez formaram famílias, casando-se com imigrantes de origem russa, lituana, etc. Por exemplo, uma filha do velho Ulmann, se casou com **Cezar Gordon**, que era por sua vez, cunhado do **Hessel Klabin**². As filhas do **Gelber**, casadas com **Kadischewitz**, **Siegelman** e outros deram raizes a várias famílias. Para ilustrar, a viúva do **Berco Udler**³, neta do Gelber,

tataraneta do velho Ulmann já é avó, portanto já são sete gerações duma ininterrupta identidade judaica.

Em geral a história dos imigrantes é uma história de clãs, há um patriarca, seja, ele árabe, israelita, armênio, grego, com exceção da imigração planejada, subvencionada ou de pânico, respectivamente forçada.

Há entretanto na formação de nossa comunidade um elemento que merece estudo, pois, se trata dum fenômeno atípico. Apesar de cronologicamente pertencer a esse grupo, a primazia na forja duma mentalidade judia brasileira, os elementos alsacianos, se isolaram.

Talvez, por não se tratar de migrantes, que deixaram atrás, a pobreza, a perseguição, cuja única riqueza era o *talit* e *tefilim* além das tradições e a vontade de vencer. Os alsacianos, vieram de famílias, bem abastadas e em geral, atraídos pelos nababescos turistas brasileiros, que ao comprarem jóias, artigos de arte e vinhos finos em Paris e Lion, foram vistos por eles, e assim resolveram abrir filiais tanto no Brasil, bem como na Argentina. Já por volta de 1840/1850 se instalaram tanto em S. Paulo, Rio até Pelotas, filiais com nomes tradicionais judaicos. **Kahn, Levy, Aron, Israel, Weil, Hanau, Worms, Grumbach, Netter, Frank, Koblenz, Haenel, Loeb, Jacob, Nathan**, etc. Nos “*Who Is Who*”, tanto em Londres, New York, Paris, encontraremos esses nomes, não somente no alto comércio, mas também no capítulo de ciências, artes, política. Porém esses elementos, constituintes uma colônia bilingüe. Já que a Alsácia passava do domínio francês para alemão e vice-versa. Eram cultos e justiça seja feita, Strasbourg, Metz, Colmar, Mulhouse, mesmo antes e durante a emancipação napoleônica era a sede da erudição talmúdica. Na

bagagem trazida para o Brasil, além do amor pela a civilização europeia, no melhor sentido da palavra, existia um certo orgulho e dignidade judaica, porém discreta e introvertida. Pode-se dizer, que durante um século perdurou o dominante papel da “colônia alsaciana” (seria exagerado chamá-la de francesa). Na época ela representou um certo poder econômico, mas discreto, por exemplo a maioria dos prédios no chamado triângulo (Rua 15 de Novembro, Direita, São Bento, Quitanda) pertencia aos **Netters, Arons, Levy, Worms, Grumbach, Michel**. Mas, com a crise do café e o declínio dos “barões”, eles foram obrigados a vender as propriedades e fechar as casas de luxo. Interessante notar, que cada uma dessas famílias, nutria o sonho, ao se retirar do comércio, passando-os para genros, sobrinhos, retirar-se na velhice para Paris, Nice. Como já frisei, o Brasil era uma colônia, a metrópole era Paris, aliás, ciclo interrompido pela Segunda Guerra e Nazismo, mas retomado nas últimas décadas. Seja como for, a “colônia” teve um papel histórico, deu aos judeus um certo ar de respeitabilidade em contraste dos elementos indesejáveis, que entraram no Brasil, no fim do século, através de Buenos Aires e que desmerecidamente popularizaram o nome das “Polacas”.

Ao lado negativo da colônia deve se anotar uma falta de compromisso aos problemas judaicos mundiais, as contribuições parcas e raríssimas para os fundos, apesar de terem participado para as necessidades locais e beneficentes. Do outro, lado nunca negaram a identidade judaica, e, durante gerações mantiveram um judaísmo formal evitando até pouco tempo conversão e casamentos mistos.

É talvez um fim melancólico, depois de cem anos, depois de manter uma posição importante no comércio, depois de fundar cidades e indústrias (por exemplo Osasco foi a cria dos **Levys** e **Heimans** – Cerâmica Heryv) deles restam só túmulos nos cemitérios.

A própria vida comunitária começou com a imigração, antes individual, depois familiar e posteriormente maciça dos judeus da Europa Oriental, na maior parte do mencionado Império Russo e parcialmente do Império Austro-Húngaro. Conforme já mencionado, se trata dum “clã” que vamos dividir em lituano, bessarabiano e polonês, deixando ao lado as subdivisões.

Nas últimas décadas do século passado, fora do Rio de Janeiro e de algumas cidades do Norte, Manaus, Belém, Recife, Salvador, já existia pequenos núcleos de judeus em S. Paulo, Santos, Campinas, formados além de alsacianos, de imigrantes oriundos da Polônia, tanto russos, austriacos ou alemã em maior parte, artesãos ou empregados até médicos. Eram alfaiates ou peleteiros atraídos pela bonança, que não conseguiram emigrar para os EUA, ao passar pelo primeiro ponto de emigração que no século passado era Londres.

Nos anos 1887/1888 desembarcou no porto de Santos um judeu idoso, acompanhado por um filho moço, era **Leib Klabin** e o filho **Moshe** (posteriormente renomeados **Leon** e **Maurício**). O velho era o encarregado dos registros judaicos, especialmente para o serviço militar, da sua cidadezinha natal Podzelbe, e que estando envolvido numa irregularidade qualquer, que podia levá-lo ao processo e desterro para a Sibéria, saiu clandestinamente para Londres, de onde pretendia emigrar para os EUA, para onde já seguira um outro filho. Mas as leis americanas, tolerantes em geral, eram rigorosas a respeito da tracoma, barraram-nos e então os dois tomaram um navio rumo a Buenos Aires, no caminho pararam em Santos, subindo a serra para S. Paulo e resolveram permanecer por aqui. O jovem Maurício se instalou com uma banca de lápis e cadernos no atual Largo São Francisco, servindo aos estudantes da Academia. O negócio progrediu, então ele mandou vir a noiva **Berta Osband**, duma cidadezinha russa perto de Pskow. O velho insistiu que os outros filhos **Hessel** e **Salomão** viessem também, veio também a filha única **Nessel** e dois sobrinhos **Max** e **Miguel Lafer**. O último casou-se com a prima, de cujo casamento nasceu o dr. **Horácio Lafer**. O velho e os seus filhos dedicaram-se ao comércio de artigos escolares. Contou o **Max Lafer** (o pai do **Dr. A. Jacob Lafer**), que o Velho despachava os filhos e

sobrinhos, com caixões de mercadorias para cidadezinhas do interior e com a obrigação de voltarem sexta à tarde. Todos moravam juntos num casarão em Vila Mariana e o Velho manteve o padrão de vida tradicional. Lá para o ano 1901/1902 Maurício já era atacadista de papel e artigos escolares e arrendou em Salto de Itú uma fabriqueta de papel. Ao mesmo tempo expandiu a empresa comprando áreas e áreas de terras, as vezes griladas ao redor de S. Paulo. A família cresceu, vieram mais parentes, sobrinhos, primos, os irmãos **Kadischewitz**, sendo um de nome **Wolf**, que adotou o nome de sua mãe, irmã do Velho e que depois chefou os Klabin do Rio de Janeiro. Era amigo íntimo de Vargas. Em 1906 importou-se uma noiva para **Salomão Klabin**, a **Luba Segall**, filha dum “sofer” (homem que manuscritava Torah e documentos sacros). Junto a Luba, vieram os irmãos **Lazar Segall** o pintor, que depois se casou com a sobrinha da irmã, filha do **Maurício**, um outro irmão **Oscar, Jacob**, etc. irmãs, cunhados e concunhados inclusive os cunhados do Jacob, **Epsteins**, respectivamente pais das pianista **Estelinha Epstein** e **Yara Bernadete**. Através dos Epsteins vieram os primos **Kliass, Ocougne**, etc.

Já em 1909 os Klabin se tornaram uma potência industrial, abriram a própria fábrica de papel na Ponte Grande, que existe até hoje, além das indústrias de papel e celulose nos estados do Paraná e Santa Catarina, cerâmicas, indústrias químicas, plantações de café, pinheirais, etc.

Portanto, no decorrer de quase noventa anos o clã Klabin deu ao Brasil, além duma potência industrial, vultos na política, nas artes, na literatura e até nos esportes.

Os Klabin-Lafers, através das gerações souberam manter a identidade judaica contribuindo sem grande ostentação para várias instituições locais. Maurício doou a área para instalar o cemitério na Vila Mariana e por ironia do destino, foi um dos primeiros enterrados ali.

Os irmãos Klabin, especialmente **Miguel Lafer** (o pai do **Horácio** e **Jacob**) eram fundadores, além de outros, **José Kaufmann**, **Moysés Gandelmann**, os irmãos **Teperman** e outros, da primeira escola judaica brasileira, a “Renascença”. Os irmãos Klabin também participaram e financiaram a construção do Templo Bet-El e até agora estão na direção do mesmo. Um dado curioso: o terreno para a construção do templo foi doado por um tal **Bergmann**, sócio e co-fundador das Fábricas de lã “Kowarick” que deixou por testamento um terreno, onde posteriormente foi construído o Hotel Terminus (Brigadeiro Tobias) e que depois foi permutado pela área na rua Martinho Prado. Também **Hessel Klabin**, deixou em testamento um terreno para construir um hospital. As senhoras **Berta** e **Luba Klabin**, durante dezenas de anos estiveram na direção da Ofidas, etc.

Numericamente e através das ramificações imprimiu mais a imagem da coletividade, um outro clã que chamariamos “bessarabiano”.

Quase na mesma época que os Klabin, veio da cidade bessarabiana Sekuron⁴ um judeu de nome **Nute Tabatchinik**⁵, que mudou o seu nome para **Tabacow**. O Velho Nute se estabeleceu na cidade de Sorocaba e consta que ele foi o primeiro *clientelchik*, pois tinha estado na Argentina, onde já existia esta ocupação. O Velho, pai de muitas filhas e um único filho, não enriqueceu como os Klabin, porém conseguiu casar as filhas, que por sua vez, constituíram dinastias e ramificações. Elas se casaram com **Hugo Lichtenstein**, um judeu húngaro; **Bernardo Nebel**, austríaco (galitziano); **Nathan Bortman**, **Soliternik**, **Wassermann**, além do filho **Hidal** (avô do Dr. **Manuel Tabacow Hidal**⁶). Além de fundar famílias tradicionais, outro mérito do Velho Nute foi ter trazido o sobrinho **Isaac** (Aizik) **Tabacow** – pai do **José** e sogro do **Adolfo Bedrikow**, do **Moysés Kauffmann**, do **Boris Bakaleynik** e do **Arnoldo Felmanas**. Talvez ele seja a figura mais respeitada e proeminente do Bom Retiro. Foi o pai e o patrocinador dos *clientelchiks*. Aliás ele começou a atividade num “stetele”, Franca, a rica e imperatriz cidade de Franca – onde no princípio do século já existia uma rica comunidade judaica – aliás a terra do Dr. **A. Brikman**, dos seus irmãos e também do veterano líder sionista **Jacob Schneider**.



Em pé, o casal Esther e José Tabacow Hidal com o filho Jacob. Sentados Sigismundo Ficher e Nathan Tabacow (de chapéu), Circa 1896.

Mudando-se para S. Paulo, nos primeiros anos do século, Isaac providenciou a vinda dos sobrinhos, entre eles **Rachmiel** (Ramiro, pai entre outros do pianista **Adolfo Tabacow**) e através do Ramiro vieram os cunhados e concunhados, os **Schwartzes**, os **Gandelmans**, os **Kantors**. Nos anos de 1908/1910 já existia uma respeitável colônia bessarabiana. O Isaac forneceu o “*pekel*” (o cartão) e despachava para o Interior: Mogi das Cruzes, Taubaté, Guaratinguetá, Bragança, etc., cidadelas de penetração bessarabiana. Anos depois, um ou outro já abriu a sua casa de móveis, que em geral tiveram a denominação “Casa Alemã”, pois o *idish* podia confundir-se e passar por alemão.

Além da imigração, motivada pelo parentesco, vieram simplesmente “*landsleit*”, conterrâneos, entre eles os célebres “*18 físs*”, nove solteiros da cidade Jedinetz, que moravam juntos e que num dia ruim de vendas, cansados depois de muito trabalhar a clientela, lavaram os pés suados no chafariz do Largo Osório. Entre os “*dezoito pés*” se distinguiram, **José Teperman**, **Salomão (Schloime) Schmalz**, **David Fridman**, **Weinberg**, **Rosenberg**, todos nomes fundamentais no comércio de móveis.

Existia em Campinas um núcleo mais sólido e mais respeitável, também de procedência bessarabiana ou do sul da Rússia. Já nos anos noventa do século passado se fundou a Casa Kauffmann, do **José Kauffmann**, que antes da Guerra de 1914 se mudou para S. Paulo (Florêncio de Abreu), e que por sua vez trouxe os parentes Kauffmann (pai do pianista **Artur Kauffmann**), os sobrinhos **Kertzmann**, etc. Andou também por Campinas e Jundiaí um tal Capitão **Cardozo**, nascido **Karduschanski**, que foi nomeado por um coronel qualquer. A vida antes da guerra de 1914 foi bastante bucólica, sem grande ambições, uma transplantação da vida das cidadezinhas bessarabianas para as terras do Cruzeiro do Sul. As necessidades culturais e religiosas eram elementares. Se rezava nos feriados em casas parti-

culares, houve um e outro que ensinava os filhos as rezas, a cerimônia da circuncisão foi procedida por **Isaac Mesquita**⁷, pai do correitor **Waldemar Mesquita**, não confundir com os Mesquitas do Estadão. Depois apareceu entre outros um dos primeiros *mohelim* e *schoichet*, **Neuach Grosslerner**, avô do **Abrão Portnoi**. Entre 1908/1910 formou-se a primeira sinagoga do Bom Retiro, a da rua da Graça, e assim começou uma vida social.

Já se notou uma concentração residencial no Bom Retiro, que começou com a imigração dos judeus poloneses, antes da guerra. Talvez um dos primeiros da colônia, foi o célebre **Meyer (Meyer mit'r Bord) Goldstein**⁸, um judeu polonês, que chegou no século passado, se estabeleceu na Rua José Paulino, sogro do **Kulikoff**⁹ e do **Jacob Hidal Tabacow**, e por sua vez responsável pela vinda dos primeiros imigrantes da Polônia. Falando da época, antes da I Guerra Mundial, existia em S. Paulo, outro grupo, um pouco isolado da maioria dos bessarabianos, lituanos, galitzianos, um grupo que intelectualmente se considerava superior, era o grupo russo de Odessa, cuja língua materna era o russo. Eram os **Zlatopolskis**, que já eram industriais de papel, litografia e tipografia, nos primeiros anos deste século. Um cunhado deles era o Dr. **Ephim Mindlin**, o dentista, e outros parentes os **Kaniefskis**, e os **Rabinowitz** (não os dos Guarda-chuvas e Peles). Deste grupo saíram músicos, **Anselmo Zlatopolski**, **Leon Kaniefski**; o arquiteto **Henrique Mindlin**; os advogados **José**¹⁰ e **Arnaldo**; e os sobrinhos, **Henrique**, **Romeu** e **Leonídio**¹¹. Só a segunda e terceira geração se mesclou com os bessarabianos. Mas, nos anos 1910 eram bem separados, bem *snoobs*, apesar de que o Dr. Efim com o Nazismo se tornou mais nacionalista e sem dúvida, deve-se a ele em primeiro lugar, a constituição e construção do Lar dos Velhos.

Nos primeiros anos da I Guerra se constituíram oficialmente as primeiras instituições judaicas de S. Paulo: em 1915 a *Ezra*, a Sinagoga do Capitão Matarazzo (depois Newton Prado) em 1916. Apesar de acusar nos anos da guerra só uma imigração esporádica e maior parte, através de outros países latino-americanos, Argentina, Chile, etc, a coletividade se preparou para uma imigração mais numerosa, que de fato se realizou. Em primeiro lugar, logo após o armistício de 1918, os pais foram buscar os filhos e mulheres deixados na terra natal. Na Rússia e especialmente na Ucrânia, onde reinava a guerra civil, os pogroms dos *Hetmans*, as perseguições dos judeus da Polônia, da Hungria (por razões políticas) foram os fatores que estimularam uma imigração ininterrupta entre 1919-1937.

Pode-se dizer que naqueles anos a comunidade era pobre com a exceção de alguns judeus alemães que entre 1934 e 1937 conseguiram trazer pelo menos uma parcela de seu patrimônio. A maioria era formada de gente que não tinha nada. O pessoal dos “*shetelach*” além do *talit* e *tefilim*, trouxeram numerosos filhos, sogras, sogros, a vontade de adaptar-se, trabalhar e um certo *know-how*. Enquanto os bessarabianos e ucranianos eram *ambulantes*, com a meta de abrir uma casa de móveis, os poloneses almejavam por uma máquina de costura ou um tear de malha. Não era fácil o começo: a crise do café, a revolução de 1930 e 1932, porém o pessoal não desanimava. No Bom Retiro trabalhava-se 20 horas por dia, em porões, em casebres, mulheres, filhos menores e os maridos, carregando a mercadoria, correndo pelos bairros ou tomando trens para leva-la para o interior. Entretanto, nas cidades do Interior uns patrícios já os esperava, pois uma onda de imigrantes, especialmente os oriundos da Volynia, já estavam em cidades do sertão, não na busca de ouro e diamantes (como os lendários bandeirantes), mas simplesmente em busca do pão honesto e laborioso.

Esta é, em poucas palavras a história da coletividade entre as duas guerras mundiais.

Porém os novos imigrantes, uma vez satisfeitas as primeiras necessidades de pão, cama e roupa, já almejavam algo maior, lembravam os grêmios e campanhas políticas. Então, como cogumelos após uma chuva, surgiram as agremiações política e ideológicas. Enquanto a primeira leva era até certo ponto, primária e politicamente ingênua,

com certa tendência pró-sionista, contida todavia pelos *Jahudim*, compostos em parte por indivíduos de origem alemã, pelos *snoobs* de origem russa e pelos *nachlaeuferers* que pretendiam com o anti-sionismo, cavar uma entrada nos “salões”. A segunda leva já se definiu logo ao descer do navio, eram trotskistas, leninistas, anarquistas, *Poalei zionim* da esquerda e da direita, *Bund*. Formaram-se duas associações dos judeus poloneses, uns progressistas e outros sionistas. Os Sionistas dividiram-se em Revisionistas e *Zeire-zion*, *Poale-sion*, etc. As discussões progrediram: Borochof e Jabotinsky, Sirkin e Sokolov. Porém veio o ano de 1937: Estado Novo do Getúlio, a onda do Integralismo, desabrochou um anti-semitismo que era latente, e apesar da amizade que Getúlio pessoalmente manteve com alguns judeus, a linha oficial não era favorável aos judeus. Surgiram as restrições a imigração. E quem sabe, se dezenas de milhares de vidas judaicas se salvariam, se as leis do país teriam sido mais tolerantes. A vida comunitária foi restringida, grêmios de caráter político fechados, jornais e revistas em língua estrangeira interditados. Já haviam surgidos jornais em *idish* tanto em S. Paulo, bem como no Rio de Janeiro. Comícios proibidos. *Schelichim*, como o Dr. Merkin do *ORT*, só podiam se dirigir as comunidades durante as orações vestidos de *talit*.

Porém a II Guerra Mundial, trouxe ao Brasil, além do relativo bem estar econômico, o fortalecimento da indústria e comércio, uma nova onda de imigrantes, refugiados da guerra e do Nazismo, portadores de capitais. Outra vez, a ironia do destino, enquanto o *Zé* povo ficou preso nos *ghettos* e condenados as câmaras de gás. Os capitalistas que podiam transferir para um Brasil uma considerável quantia em divisas, conseguiram o visto do Itamaraty. Não é ainda a hora de pesquisar o número de capitais entrados nos país nos ano da guerra e pós-guerra. Pode-se dizer, que em grande parte, a indústria de plásticos, eletrodomésticos (Arno e outros), brinquedos Estrela, Trol, Atma, além das indústrias têxteis e de confecções foram criadas por capitais trazidos naquela época. As incorporações, construções, tiveram a cooperação e estímulo dos arquitetos, como **Korngold**, etc. Os filhos e netos dos imigrantes se formaram, brilharam tanto nas profissões, bem como nas ciências e com orgulho natural poderia se mencionar nomes tradicionais da comunidade **Tiommo, Raw, Goldenberg**, até **Lattes**.

A queda do Estado Novo e o término da II Guerra Mundial, beneficiou a comunidade, levantaram-se as barreiras da emigração, os restos, salvos dos *ghettos*, campos de concentração, do exílio da Sibéria, Turquestão, etc, encontram no Brasil o seu lar, nos enriquecem com a sua experiência e *know-how*. Muitos trouxeram até o fanatismo religioso, os hábitos e tradições dos *hassidim*, porém a fértil terra a todos tolerou.

Houve a necessidade de se readaptar a nova realidade. Logo depois da guerra o *Centro Hebreu Brasileiro*, um disfarçado órgão controlador tanto de beneficência, bem como arrecadador dos fundos sionistas, tornou-se o porta-voz do Congresso Mundial Judaico; em franca oposição aos seguidores do Joint, que era por si anti-sionista e só admitia fins filantrópicos. O rabiscador destas linhas, atuou como secretário-geral do Centro de S. Paulo. Sendo presidente nacional o falecido **Eduardo Horowitz** e de S. Paulo, **Maurício Blaustein**, um sionista tradicional do mais puro quilate. Ainda recorda as lutas e os esforços para criação dum órgão consultivo e dirigente da futura Federação, cujo primeiro presidente foi o saudoso Dr. **Moisés Hoff**, seguido pelos igualmente saudosos Drs. **Moisés Kauffmann** e **Moisés Kahan**. Só a criação do Estado de Israel conseguiu reunir tantos elementos heterogêneos: *CIP*, Progressistas, Religiosos, numa entidade guarda-chuva.

Não foram mencionadas as várias instituições criadas em S. Paulo nos últimos 40/50 anos e que seguem mais ou menos esta ordem cronológica: *Círculo Israelita* (1925), *Linat Hatzedek* (1929/30), *Macabi* (ao redor de 1930), *Asilo dos Velhos* (1938). E as escolas, *Bialik* em Pinheiros, *Peretz* na Vila Mariana, *Escola Israelita do Cambucy*, a *Fleitlich* no Brás, *Talmud Torá* (1934), *Bet Chinuch* (1948) e na Lapa. A *Cooperativa* (1929), *B'nei Brith*, em torno de 1935, além de sinagogas, *yeshivot* e *last but not least* a Hebraica.

Há porém um dever elementar, que nós judeus esquecemos; enquanto qualquer cidadezinha do interior homenageia os fundadores, elevando monumentos ao “major Zequinha” ou ao “coronel Nhonho”; nós judeus esquecemos os nomes, de gente como **Maurício Klabin, Isaac Tabacow, Moisés Weiner, Marcos Frankenthal, Maurício Blaustein, Moisés Hoff, Vittorio Camerini, Salo Wissmann, José Teperman, David Copenhagen, Moisés Kagan, Moisés Kauffmann** e outros, como o **Simon Fleiss** em cuja chácara foi idealizada e realizada a fundação da Hebraica.

PS: Deve existir um livro editado por um tal **Nudelman**, em português, dedicado aos primeiros trinta anos do *ishuv* de S. Paulo.

Marcos Firer: Presidente da FISESP (Federação Israelita do Estado de São Paulo) por dois mandatos (1971-3, 1973-5).

Notas

- 1 *Todas as Notas de Rodapé deste trabalho são de autoria do departamento de pesquisa da SGJ/BR.*
Leopoldo Gelber (1899-1918), está sepultado ao lado de José Ullmann e Maurício Ullmann (f. 1906)
- 2 V. “*O Império Klabin*”, de G. Faiguenboim, **Gerações/Brasil**, —, maio de 1995. pp. 7-8.
- 3 Berco Udler (Odessa, 1923 – S. Paulo, 03-08-1971), artista plástico.
- 4 Securení ou Sekiryany, Bessárbia, possuía população judaica expressiva, em 1897, eram 5.042 pessoas, ou 56% da população total. Foi um centro comercial onde se negociava produtos agrícolas da vizinhança. Ela foi anexada pela Romênia em 1918, e em 1930, os judeus já somavam 4200, ou 72% da população. Em 1939 passou para o domínio soviético, sendo destruída a população judaica pelos Nazistas, inclusive funcionando como um campo de concentração.
- 5 Nathan Tabacow, f. em 29-12-1920, VM, 1-1; 04-01-1922, VM, 1-7.
- 6 Manoel Tabacow Hidal (S. Paulo, 1919- idem, 1979), filho de Jacob Tabacow Hidal e Fanny (filha de Mayer) Goldstein. Casado com Fanny Schechtman. Pais de: Eduardo e Jairo. Médico, um dos fundadores do Hospital Albert Einstein
- 7 Isaac Amzalak da Costa Mesquita (S. Paulo, 1877 – Rio de Janeiro, 1960), foi um advogado, dirigente da “*Maté Laranjeiras*”. Casado com a argentina Esther Mendes Gonçalves, não deixou descendência, ao que se registra. É provável que o *mohel* tenha sido não ele, mas o pai, Samuel Edouard da Costa Mesquita (Paris, 1837 – S. Paulo, 1894), que chegou a exercer as funções de rabino em S. Paulo e Campinas. Ele teve quatro filhos: Marcos (Mardochée), Isaac, Sarah e Emília, mas nenhum chamado Waldemar.
- 8 Mayer Goldstein, f. em 14-07-1932.
- 9 Samuel Coulicoff chegou ao Brasil em 1904. Em S. Paulo, foi cobrador de bonde, teve uma fábrica de perfumes e depois uma loja de ferramentas em sociedade com dois irmãos. Aqui casou-se com Sarah, filha de Mayer Goldstein. Segundo a sua filha Ida, ele era um homem alegre, falava sete idiomas e era parecido fisicamente com Getúlio Vargas. Ele é um personagem incidental no livro “*As Religiões no Rio*” de João do Rio. “...o *hasan David Hornstein* é um exemplo. Esse homem cursou doze anos a Universidade Talmudica, é polyglotta, professor, correspondente de varios jornaes escriptos em hebreu e rabbino diplomado da religião judaica. David estava na Palestina, na colonia Rishon l'Sion, uma especie de companhia que o fallecido barão B. Rothschild installára em terrenos comprados ao sultão, com grande odio dos beduinos. Nessa colonia havia medicos, advogados, russos nihilistas. O resultado foi a sublevação, que o amável barão, depois da morte do administrador, acabou, dispersando os amotinados. Vinte dous desses homens, entre os quaes David e o erudito Kulekóf, que acabou rico em S. Paulo, partiram para Bayreuth, depois para Pariz. Hirsh deu-lhes 500 francos, fazendo um discurso camarario. Os judeus revolucionários foram para Gibraltar e ahi embarcaram para o Brasil. Todos acabaram com furtuna (sic), menos o rabbino, que ficou ensinando linguas, por que o sacerdote judeu não vive do seu culto” (pp. 241/2). Coulicoff ou Kulikof morreu em 22-11-1969.
- 10 José Ephim Mindlin (S. Paulo, 08-09-1914), filho de Ephim H. Mindlin e Fanny (filha de Pinkus) Zlatopolsky, casado com Guita (filha de José) Kauffmann. Advogado, industrial e bibliófilo. Pais de: Sérgio, Betty, Diana e Sônia.
- 11 Leonildo Mindlin casou-se com Sarah (filha de José) Teperman, e são os pais de Vera Mindlin Bobrow, presidente da FISESP (1995-7).

Os Judeus Italianos e o Brasil

The Italian Jews and Brazil

Anna Rosa Campagnano

The Jewish Italian community has existed for over 2000 years. It is result of several migration currents. The presence of Italian Jews in Brazil is recent. It has only taken importance when the racial laws of Benito Mussolini were passed. This article, is about the Italian Brazilian Community and the names of the families that arrived in Brazil, expatriated by Mussolini.

Quem são os judeus italianos?

A comunidade judaica italiana, que tem mais de dois mil anos de história, formou-se através da união de diversos grupos que chegaram ao país em diferentes épocas. O núcleo mais antigo é o formado pelos judeus que viveram na Itália ainda na época do Império Romano, localizando-se principalmente no centro e no sul da península. Com a chegada dos judeus asquenazitas que, no século 14 deixaram a Alemanha devido à peste negra (1348) e às Cruzadas, indo para o Piemonte e Vêneto; juntando-se com a dos judeus franceses expulsos daquele país entre 1306 e 1394, que foram para o Piemonte, e com os banqueiros judeus italianos vindos de Roma, formou-se um outro núcleo no norte da Itália.



Pino Jesi, Compagnia Volontari Giuliani e Dalmati Trieste, circa 1927.

No final do século 15 e durante o século 16 teve lugar a imigração sefaradita da Espanha (1492) e de Portugal (1497), que diretamente ou indiretamente, via Holanda ou países muçulmanos, se transferiram para o Estado Pontifício na Itália, especialmente Roma, Fer-

rara (sob o ducado dos Estensi), Modena, Reggio Emilia e sobretudo Livorno, para onde se dirigiram também os judeus italianos fugidos de Nápoles e do sul da Itália conhecidos como Reino das Duas Sicílias, que também estava sob a coroa espanhola.

Alguns judeus chegaram à Itália vindos do império Otomano após a revolução francesa, seja por motivos políticos ou econômicos. Como consequência da 1ª Guerra Mundial e com a anexação de Trieste, Gorizia, Merano e Fiume ao Reino da Itália. Chegou à Itália um novo grupo de judeus vindos de outros países, como Corfú, Áustria, Alemanha, Hungria e Polônia. Outros judeus, do norte da Europa, refugiaram-se na Itália entre as duas grandes guerras mundiais, fugindo das perseguições nazistas. Para muitos deles, a Itália foi um trampolim para a Palestina e as Américas.

Depois de 1948, com o nascimento do Estado de Israel e as sucessivas guerras árabe-israelenses, os judeus que viviam nos países árabes passaram a ser considerados “inimigos sionistas”. Eles fugiram, e dois mil judeus persas da cidade de Meshad se estabeleceram em Milão. Entre eles havia também judeus egípcios, descendentes da antiga comunidade de Livorno, os quais, por uma lei dos Médici no final do século XIV, foram reconhecidos como cidadãos do Grão Ducado. Depois de séculos, famílias exiladas vindas do Egito de Gamal Abdel Nasser, com base nas antigas transcrições dos registros municipais toscanos, obtiveram a cidadania italiana.

A Itália, apesar de ser considerada por muitos judeus como um país de refúgio, não deixou de perseguir os seus judeus. Uma data fundamental na história desta perseguição foi quando o papa Paulo V, em 1555, publicou a bula *Cum nimis absurdum*, que obrigou os judeus a morar em bairros separados (guetos) e a usar um sinal que os distinguisse. Esses bairros surgiram em todas as regiões; seja naquelas sujeitas ao Estado da Igreja, seja naquelas nas quais o papado tinha grande influência e naquelas onde os soberanos não tinham força suficiente para contestar a imposição papal. Livorno foi a uma única exceção. Essa segregação durou mais de dois séculos.

A identidade nacional dos judeus italianos formou-se somente durante o *Risorgimento*, juntamente com o processo de unificação da Península, quando os muros do último gueto foram derrubados em 1870, e Roma foi proclamada capital da Itália.

A história da consciência nacional dos judeus italianos ocorreu ao mesmo tempo que a formação da consciência nacional dos próprios cidadãos italianos, que até aquele momento tinham vivido em vários estados, sob diversas nações estrangeiras. A passagem da condição de judeus italianos a italianos judeus, provocou, em certos casos, o risco de colocar em crise a identidade judaica. Na verdade, desde a unificação da Itália, os judeus se debateram entre assimilação e integração. Um pequeno número de sionistas infiltrou-se entre as divisões internas do judaísmo italiano, propondo um renascimento judaico nacional, político, religioso e cultural. O Sionismo italiano foi elaborado através das idéias de **Dante Lattes** (1876-1965), escritor e jornalista, que entendia o Sionismo como renascimento nacional judaico; **Alfonso Pacifici** (1889-1983), advogado, que por sua vez considerava o Sionismo como *a redenção de Israel*; **Enzo Sereni** (1905-1944), que pretendia revitalizar

a vida judaica italiana, combinando religião, cultura e Sionismo, e que foi o primeiro *chalutz* italiano na Palestina; e, por fim, **Felice Momigliano** (1886-1924), filósofo e historiador italiano, que considerava o sionismo uma contribuição econômica dos judeus ocidentais para os judeus orientais, com a finalidade de facilitar sua emigração para a Palestina, pois não eram livres para realizar, em sua pátria, as suas aspirações.



O processo de nacionalização não impediu que os judeus italianos conservassem, ainda que não de maneira homogênea, suas próprias peculiaridades étnicas religiosas. Uma vez emancipados, os judeus italianos tornaram-se espontaneamente patriotas e liberais, pois a Itália liberal lhes assegurava o pleno reconhecimento de seus direitos civis. Eles participaram da 1ª Guerra Mundial e, com o advento do fascismo de Mussolini, muitos tornaram-se fascistas, vendo nesse partido apenas um nacionalismo renascido; combateram nas guerras para a conquista da Líbia, da Etiópia e da Eritreia.

No início, Mussolini não se mostrou anti-semita, mas com a aproximação Itália-Alemanha, sua atitude para com os judeus, e em particular com o sionismo, mudou. O primeiro ato público que tornou conhecido o comportamento do Duce para com os judeus, não muito claro até aquele momento, foi a publicação do *Manifesto da Raça* em 26 de julho de 1938. Esse manifesto foi assinado por conhecidos pensadores fascistas, docentes nas universidades italianas que, sob a égide do Ministério da Cultura Popular, haviam redigido dez proposições que fixavam as bases do racismo fascista. O nono item desse decálogo estabelecia que “os judeus não pertenciam à raça italiana”.

Ao Manifesto, seguiu-se a primeira lei anti-semita (*R.D.L.* de 5 de setembro de 1938, nº 1390), expulsando os judeus de todas escolas. Os esclarecimentos sobre quem era judeu de acordo com o fascismo, e um primeiro aperfeiçoamento das leis raciais, foram apresentados no *Certificado da Raça* que foi aprovado entre 6 e 7 de outubro de 1938.

De acordo com a lei:

- é de raça judaica aquele nascido de pai e mãe judeus, ainda que pertença a uma religião diferente da religião judaica.
- é considerado de raça judaica aquele nascido de pais que sejam um de raça judaica e o outro de nacionalidade estrangeira.
- é considerado de raça judaica aquele nascido de mãe de raça judaica e de pai desconhecido.
- é considerado de raça judaica aquele que, mesmo nascido de pais de nacionalidade italiana, dos quais somente um de raça judaica, pertença à religião judaica, ou seja, ainda que esteja inscrito em uma comunidade israelita, ou que tenha feito, de qualquer outra maneira, manifestações de judaísmo.
- Não é considerado de raça judaica aquele nascido de pais de nacionalidade italiana, dos quais somente um de raça judaica, que, em 1º de outubro de 1938, pertencia a religião diferente da judaica.

À *Carta da Raça*, seguiram-se todas as leis raciais que levaram à discriminação dos judeus praticada até a queda do fascismo em 1943, e que, com a invasão da Itália pelas tropas nazistas durante o período da República de Saló, terminou com perseguições e deportações para os campos de extermínio nazistas.

Para poder aplicar as leis promulgadas após a *Carta da Raça*, a *Direção Geral para a Democracia e a Raça do Ministério do Interior* (*Demorazza*), anunciou em 5 de agosto e realizou em 22 de agosto, um recenseamento para saber quantos e quem eram os judeus na Itália. Esse recenseamento mostrou que os judeus italianos eram cerca de 45.270 para uma população de 43.900.000 habitantes (0.1% do total). Desse número faziam parte cerca de nove mil judeus estrangeiros, residentes ou de passagem.



Pino Jesi

Os judeus italianos reagiram de muitas maneiras a essa repentina mudança de atitude do governo italiano. Alguns argumentaram mostrando a sua participação na história política e militar italiana e no partido fascista, e pediam que fossem tratados com benevolência e não fossem perseguidos. Eram os combatentes, os feridos, os mutilados e os inválidos que haviam participado nas quatro guerras sustentadas pela Itália naquele período: na Líbia, a 1ª Guerra Mundial, na Etiópia, na Espanha; as famílias dos judeus fascistas inscritos no

partido nos anos de 1919 a 1922 e no segundo semestre de 1924; famílias que tivessem méritos excepcionais, a ser averiguados por uma comissão especial. Essas diferenças, porém, não excluíam o fato de que todos os judeus, indiscriminadamente, fossem proibidos de lecionar em toda e qualquer escola. Os que tiveram oportunidade, emigraram para a Palestina, os Estados Unidos ou a América do Sul. Verificaram-se, ainda, muitas apostasias (conversões ao Catolicismo) e até mesmo algumas “arianizações” conseguidas com a apresentação de documentos falsos e grandes somas de dinheiro. Alguns optaram por uma outra fuga, o suicídio. O caso mais notório de suicídio foi o de um editor famoso, **Angelo Fortunato Formiggini**, nascido em Módena, que, após um período de atividade em Gênova, havia se transferido, em 1916, para Roma. A campanha anti-judaica afetou-o profundamente desde o início, levando-o finalmente a planejar seu suicídio, ocorrido em Módena, para onde havia retornado unicamente com esse objetivo; ele atirou-se do alto da Torre della Ghirlandina, na Praça do Duomo. No bolso de seu paletó foram encontrados o bilhete de entrada para a Torre e um cheque de 30 mil liras (para a época, uma grande soma) destinado aos pobres de sua cidade. Ele não desejava que pensassem que havia sido induzido àquela decisão extremada por estar em dificuldades financeiras. Mussolini proibiu que os jornais escrevessem sobre o assunto, mas a notícia espalhou-se da mesma forma, apesar de não ter tido a repercussão que merecia.

Os judeus restantes adaptaram-se à vida dentro das próprias comunidades e continuaram, apesar do agravamento de suas condições, a ajudar seus irmãos do outro lado dos Alpes que, com o advento de Hitler ao poder, haviam afluído em grande número para a Itália, sem dinheiro e necessitando de ajuda. A **DELASEM** (*Delegazione Assistenza Emigranti*), uma sociedade criada para essa finalidade, fornecia aos expatriados o necessário para ficar na Itália ou se exilar.

Emigração judaica italiana

*No Centro Bibliográfico Judaico de Roma, situado no Lungo Tevere Sanzio no. 5, encontrei pastas que contêm as listas de recenseamento atribuídas à **Unione delle Comunità Israelitiche Italiane** (hoje UCEI), dos anos 38 a 40.¹ Ao lado dos diversos nomes estão anotadas as várias transferências, dentro do país e para o exterior, dos judeus inscritos nas várias comunidades da Itália.*

*Não constam dessas listas aqueles que seguiram a lei proclamada com o **Regio Decreto de 30 de outubro de 1930, no. 1731, Título I, Artigo 5**, assinada pelo rei, Vitor Manuel III, pelo chefe de governo Mussolini e pelo guarda-sinete Rocco.*

Deixa de fazer parte da Comunidade quem se converte para outra religião ou declara não mais querer ser considerado israelita de acordo com o presente decreto.

Essa declaração deve ser feita ao presidente da Comunidade ou ao Rabino-Chefe, pessoalmente ou por documento autenticado.

Aquele que deixa de fazer parte da Comunidade de acordo com o inciso primeiro, perde o direito de utilizar as instituições israelitas de qualquer Comunidade; perde, especialmente, o direito à prestação de atos rituais e ao sepultamento em cemitérios israelitas.

Todavia, este artigo não excluiu os judeus que haviam se deslocado da comunidade, de ser considerados igualmente judeus para os fins das leis raciais de 1938.

As pessoas e as famílias que vieram para o Brasil, que encontrei nas listas das cidades de onde partiram, são os seguintes:

Ancona - Carlo Alberto Trevi; Alberto Trevi; Giorgio Trevi; Vittorio Terni; Adriana Terni; Augusta Levi; Valentino Rocca; Edoardo Camiz

Genova - Giuseppe Amar; Giuseppe Anau; Leonardo Anau; Nissin Augusto Anau; Romolo Bondi; Gino Colombo; Atilio De Benedetti; Arnaldo De Benedetti; Carlo Alberto Levi; Oscar Levi; Giuseppe Moscato; Michele Vitale; Emilio Avigdor; Giorgio Castellini

Milão - Carlo Franco; Nicolás Frieder; Mario Elio Levi; Enrico Rimini; Bruno Russi

Nápoles - Carlo Sonnino; Sergio Tagliacozzo

Pádua - Giorgio Schreiber; Alessandro Seppilli; Renato Salmoni; Alfredo Zuccari

Pisa - Ivo Faldini

Roma - Emilio Milla; James Levi Bianchini; Guido Guastalla; Enzo Jona; Davide Isacco Calò; Franco Calò; Sergio Calò

Veneza - Guido Hirsh

Vercelli - Renato Pescarolo; Luciana Pescarolo; Alice Colombo; Anselmo Nozzi

Verona - Mario Artom; Mariuccia Colombo

Nomes de famílias que emigraram para o exterior, sem especificação de destino, e que estão no Brasil: **De Benedetti; Guastalla; Pontecorvo; Terracini; Treves; Ventura**

Muitos dos imigrantes mantiveram seus registros nas comunidades e continuaram a pagar as contribuições.

Faltam-nos dados sobre muitas comunidades, inclusive a grande comunidade de Livorno, e aqueles obtidos são incompletos.

Os judeus emigraram desde 1938, ou seja, desde a proclamação das leis raciais, até junho de 1940, quando a Itália entrou em guerra. Após essa data, a emigração tornou-se praticamente impossível, seja devido à cessação do serviço de navios italianos e estrangeiros partindo dos portos italianos para as Américas, seja pelas dificuldades, sempre maiores, em obter os vistos de trânsito.

Segundo dados do Ministério do Interior, desde o final de 1938 até 15 de novembro de 1941 teriam saído da Itália, 7.304 israelitas.

Os italianos judeus no Brasil

Em 1938, quando se iniciou o êxodo dos judeus italianos, o governo do Brasil, sob a presidência de Vargas, ainda era fascista e os vistos de entrada eram submetidos a controles severos. De fato, só era permitida a entrada a “pessoas úteis”, que trouxessem benefícios econômicos para o país. Já havia sido instituída uma lei que estabelecia a necessidade de apresentação, para obter o visto de entrada, das “cartas de chamada” de cidadãos ou parentes residentes no Brasil. Isso levou, inevitavelmente, à compra de cartas falsas. Além disso, durante o período ditatorial de Vargas (1937-1945) e com a criação do “Estado Novo”, inspirado no fascismo, o governo emitiu uma série de Circulares Secretas, destinadas às missões diplomáticas, aos consulados, às autoridades de imigração e de polícia, com a finalidade de regulamentar a entrada de estrangeiros de origem semita no território nacional. O êxito dessa política restritiva dependia em grande parte do zelo dos agentes brasileiros no exterior.

A restrição à imigração judaica colocou o Brasil em posição muito delicada no exterior. De fato, os Estados Unidos e a Inglaterra solicitaram ao governo brasileiro que tratasse da questão judaica com menos rigor.

Os judeus italianos que conseguiram emigrar para o Brasil, aqui encontraram um ambiente italiano predominantemente fascista. Os descendentes dos imigrantes que haviam chegado desde o final do século 19, fugindo da miséria na Itália, haviam se sentido novamente valorizados com o fascismo, contando com o apoio de uma pátria poderosa na qual Mussolini tentava reviver as glórias do Império Romano. Ser fascista tornou-se para eles um fator de prestígio pessoal. Tornando-se fascistas eles adotavam também, com uma certa levianidade, as idéias anti-semitas.

A presença dos judeus italianos antes de 1938 foi insignificante, sendo composta quase que exclusivamente por pequenos comerciantes, mas com alguns nomes de destaque como **Lattes, Levi e Mayer**. Contudo, o fluxo migratório causado pelas leis raciais não foi muito numeroso: talvez uma centena de famílias, das quais mais de setenta vieram para São Paulo, totalizando 400 pessoas. Os judeus italianos se auto-definiram “A Colonia Mussolini”, para sublinhar o caráter invo-



Família Armando DiSegni no Brasil

luntário da escolha migratória. Esta foi quase sempre casual, ligada ao fato da obtenção de um visto após cansativas peregrinações por vários consulados. O mundo do trabalho os acolheu favoravelmente e quem utilizou em larga escala a sua presença foi a família Matarazzo, que empregou muitos imigrantes judeus. Também as universidades e institutos de pesquisa ofereceram trabalho aos profissionais judeus italianos; entre os mais importantes podemos citar o professor **Tullio Ascarelli**, professor de direito na Universidade de São Paulo, o advogado penal **Enrico Tullio Liebman**, e **Giorgio Mortara**, professor de estatística, que trabalhou no IBGE do Rio de Janeiro.

Os judeus italianos não sentiram necessidade de fundar uma sinagoga própria como haviam feito os judeus de outras nacionalidades, mas frequentaram no início a sinagoga mais antiga de São Paulo, chamada *Templo Israelita Brasileiro do Rito Português Ohel Yaacov*, hoje Sinagoga da Abolição e, depois, a *Congregação Israelita Paulista (CIP)*.

Através do casamento, os judeus italianos se assimilaram aos ashkenazitas e sefaraditas, e a maior parte deles não transmitiu aos próprios filhos e netos a cultura italiana, às vezes nem sequer a própria língua. Nas entrevistas que realizei, poucos demonstraram saudades da Itália, devido à traição da mesma para com eles, que se consideravam italianos acima de tudo. Disso são testemunha vários livros de memórias, na maior parte não publicados, dedicados a transmitir a história da família para as gerações futuras.

O número de sobrenomes judaico-italianos que constam das listas dos cemitérios do Butantã, Vila Mariana e dos Protestantes, é su-

perior ao encontrado nas listas das comunidades italianas e, com exceção de três sobrenomes, as datas das mortes são posteriores a 1945, data do fim da guerra.

Nota

1 número 71 A - B - C, Movimento Inventário nº 8.188.800

Anna Rosa Campagnano, historiadora – gorcamp@net2001.com.br,



- **Homônimo ou Personagem?** O personagem do ator **Roberto Benigni**, no filme "A Vida é Bela" (1997), é um judeu italiano chamado **Guido Orefici**, vítima do Holocausto. Segundo o ator e diretor do filme, este seria apenas uma obra de ficção, mas com alguns momentos baseados na realidade. Consultando o "Il Libro Della Memoria. Gli Ebrei deportati dall'Italia (1943-1945)", de Liliana Picciotto Fargion, encontramos também um **Guido Orefici**, que é identificado assim: "nato a Firenze il 15.1.1873, figlio di Flaminio e Caló Elena. Ultima residenza nota: Firenze. Detenuto a Milano carcere. Deportato da Milano il 30.1.1944 a Auschwitz. Ucciso all'arrivo a Auschwitz il 6.2.1944. Fonte 1ª, convoglio 06" (p. 451).

Os Últimos Cristãos-novos de Vilarinho dos Galegos (Portugal)

The Last New Christians of Vilarinho dos Galegos (Portugal)

António Pimenta de Castro

Vilarinho dos Galegos, a small town in the Northeast of Portugal, has an old criptoJewish tradition, with numerous descendants from victims of the Inquisition. The author tells about Mrs. Olivia Rodrigues "Tabaco", the last local Jewish worshipper.

Dedico este artigo à **Tia Olívia Tabaco**, possivelmente a última rezadeira judaica de **Vilarinho dos Galegos (Mogadouro, Portugal)**, a quem vi acender as "candeias do Senhor", às sextas-feiras à noite, com torcidas "rezadas", na velha cozinha da sua modesta casa, "pintada" com as negras cores de muitos rigorosos invernos nordestinos e que me ensinou muitas tradições do seu povo e rezas ao seu Adonai. Dentro de pouco tempo, assim espero, penso publicar muito do que recolhi sobre as tradições e costumes deste nobre povo, para que não desapareça, esta parte tão importante da nossa cultura, com o cerrar dos olhos da última rezadeira de Mogadouro. Tenho pela tia Olívia Tabaco um carinho muito especial, na verdade ela partilhou comigo aquilo que tinha de mais precioso, a memória do Seu Povo, a Tradição... Vi comovido, as lágrimas de saudade a escorrerem pela sua face quando me falava do seu tempo de mocidade, do tempo dos velhos marranos, rosto curtido por muitos invernos, mais parecia um velho pergaminho... Que Adonai esteja sempre contigo tia Olívia e quando fizeres a última viagem, finalmente para junto do resto do teu povo, do povo de Moisés, que acompanhem tantas luzes como aquelas que tu acendestes a ELE todas sextas-feiras à noite nas velhas candeias de azeite puro e com as torcidas rezadas, como quem desfia um rosário...



Dona Olívia Rodrigues "Tabaco"

É com a maior alegria que registo um interesse crescente dos descendentes dos cristãos-novos de Trás-os-Montes pela procura e estudo das suas raízes familiares e históricas. Que diferença de há uns dez anos atrás ! Há uma dezena de anos, aqui, poucos se assumiam como descendentes de judeus e a palavra "judeu" era interpretada como um insulto. Lembro-me do já longínquo ano de 1981 em que fui pela primeira vez, na companhia do meu saudoso tio Mário Augusto de Oliveira (também ele descendente de judeus e de Vilarinho dos Galegos), a Vilarinho para começar a recolher orações e outras tradições dos marranos. Apesar do meu tio ser de Vilarinho e ser conhecida a sua ascendência judaica, que dificuldade para as pessoas começarem a falar... Parecia que a horrenda Inquisição ainda estava viva e que os seus esbirros andavam à cata de vítimas para autos-de-fé! Foi preciso ir lá dezenas de vezes e ganhar muita confiança para começarem a falar. Depois de ganharem toda a confiança em mim, devo dizer que enchi quatro ou cinco cassetes que guardo religiosamente e que serão, a par com outras recolhas, a base do meu futuro trabalho.

Percorri a aldeia, mostraram-me onde se reuniam as rezadeiras, como colocavam as toalhas sobre a cabeça enquanto diziam as orações, que orações eram ditas ao benzer das torcidas para as "candeias do Senhor", como era feito o pão ázimo (cozido entre duas telhas novas), como se benziam, os jejuns e as festas, a zona onde viviam os judeus, enfim abriram-me a sua alma... Mas não se pense que foi fácil...

Lembro-me, a título de exemplo, de dois episódios que registei: Estando a tia Olívia Tabaco (todos em Vilarinho dos Galegos têm alcunhas) a ensinar-me algumas das suas tradições, eis que aparece, ao cimo da canelha, um homem que vinha do amanho das terras, então a tia Olívia colocou o dedo na boca, em sinal de silêncio, e começou a falar das suas doenças. Quando o homem desapareceu ela disse-me — "Este não é da nossa raça, é "chuço"¹. O outro episódio foi o seguinte: Tendo eu ido visitar uma senhora encamada que me disseram saber muitas orações, a sua empregada, que estava acompanhada de outra senhora, desatou a fazer-me sinais dizendo-me: "Agora já ninguém sabe nada, morreu tudo. As que sabiam morreram, a Patata e outras antigas é que sabiam, mas já morreram todas, agora ninguém sabe nada". No final da conversa com a senhora encamada, que nada me disse, a empregada, sozinha, acompanhou-me até a porta e disse-me: "Apareça daqui a meia hora na casa da tia Olívia que eu digo-lhe algumas orações". Assim foi: a dita senhora disse-me uma boa dúzia de orações e muito me contou dos rituais e tradições do seu povo.

Hoje, as pessoas já estão mais abertas, muitas já não têm vergonha de afirmarem publicamente que são descendentes de judeus. Já começam a ter orgulho de afirmarem publicamente que são descen-

dentes de judeus. Penso, com alguma vaidade, que o meu livro “*Os Judeus na Obra de Trindade Coelho*” contribuiu muito para isto. O seu lançamento público excedeu as melhores expectativas, o salão nobre da Câmara Municipal de Mogadouro foi pequeno para tanta gente e largas dezenas tiveram mesmo de ficar no corredor. Em poucos meses, o livro esgotou. No seu lançamento os oradores (António Júlio Andrade, Dr. Álvaro Leonardo Teixeira, Professora Maria de Jesus Sanches e Dr. João Guerra) foram brilhantes, cativaram a atenta assistência. Contudo gostaria de destacar duas pessoas que se encontravam presentes e que impressionaram a assistência pelos seus testemunhos pessoais: os meus amigos Dr. João Guerra e o Elias Nunes. O Dr. João Guerra porque é transmontano, de Freixo de Espada-à-Cinta, descendente de judeus, voltou novamente à religião e tradições de seus avoengos. Retomou novamente o fio que a horrível Inquisição tentou, em vão, cortar. Não teve complexos, magistrado, não hesitou em responder o chamamento do sangue. O Elias Nunes, comerciante, de Belmonte (actualmente presidente da Comunidade Judaica de Belmonte), era o representante vivo, felizmente muito vivo, de um povo mártir, que sofreu na pele os horrores da Inquisição e a discriminação da estupidez, da intolerância e da xenofobia mas que a tudo isso resistiu e que contra tudo e contra quase todos manteve a tradição, a integridade e a fé do seu povo. As pessoas viram alí, bem diante dos seus olhos, um jovem, com a sua esposa, que se afirmava Judeu, que não tinha vergonha, antes orgulho, de nas suas veias correr o sangue de cristãos-novos, de marranos que muito sofreram mas que continuava vivo, de cabeça bem levantada. As pessoas estavam habituadas a verem só estudos sobre marranos como coisa do passado. Tudo estaria perdido...Tudo estaria já encoberto pela poeira do tempo...Só uma vaga recordação de uma passado já longínquo...De repente viram que não, que ali estava não um papel amarelado pelo tempo, mas o representante vivo de uma comunidade viva, como o foram outrora as de Azinhoso, Vilarinho dos Galegos, Argoselo, Carção, Mogadouro...Isso mexeu com eles, tocou-lhes fundo da alma, mexeu na sua memória colectiva...

De repente, viram que aquilo que as suas avós e seus pais lhes ensinaram tinha sentido, correspondia a uma cultura, estava-lhes no sangue...Então comecei a receber cartas, muitas cartas, de Argoselo, de Carção, de Macedo de Cavaleiros, de todo o nordeste...De repente as pessoas procuravam-me na rua, em minha casa...Lembro-me assim de repente de duas pessoas que me procuraram e me disseram o seguinte: “*Sabe, o meu tio que tinha um sóto em Mogadouro dizia-me que nunca se devia varrer o sóto no Sábado, dava azar..., sempre achei que ele “não batia bem da bola”, agora sei porque é que ele, que era de Argoselo, me dizia isso..*”, ou aquele habitante do Azinhoso que fez questão em me mostrar onde eram os “pelames” no Azinhoso...Tinham a necessidade de me dar o seu testemunho, de me dizer que também eles tinham sangue...judeu ! Sei que procuram as suas raízes, a sua memória.

Nota

1 “*chuço*” é, em Vilarinho dos Galegos um cristão-velho, que não é descendente de judeus.

António Manuel Ramos Pimenta de Castro; é professor, historiador, autor do livro “*Os Judeus na Obra de Trindade Coelho*” (Mogadouro, 1998)



- **Fuga de Cérebros na Época da Inquisição.** No acervo do A.N.T.T. (Arquivo Nacional da Torre do Tombo) existe uma lista com os nomes de uns setenta médicos e cirurgiões cristãos-novos portugueses que foram obrigados a abandonar Portugal em 1614. Neste ano, a repressão inquisitorial atingia o seu au-

ge, queimando vivos “judaizantes” em praças públicas cheias de gente. A “Praça do Rossio” em Lisboa, é talvez o exemplo mais conhecido. A lista dos médicos foi analisada pelo prof. Reuven Faingold num artigo intitulado em inglês “*Flight from the Valley of Death - Converso Physicians Leaving Portugal in the Early 17th Century*”; publicado na revista **PEAMIM** n. 68 (Summer 1996), págs. 105-138. Entre os setenta médicos pesquisados, dois deles fugiram para o Brasil. Trata-se dos irmãos Manuel Nunes e Lucas Fernandes, ambos filhos de Manuel Álvares, natural de Campo Maior. Os irmãos fugiram por volta de 1611, pois segundo o documento, em 1614 já estariam morando na Terra de Santa Cruz. O mesmo texto nos revela que ambos irmãos fugiram “sendo pobres”. Cabe destacar que a maior parte dos conversos abandonavam o território por medo de serem punidos violentamente pelo Santo Ofício. O caso dos dois irmãos médicos chegados ao Brasil é raro, pois a viagem da metrópole à colônia era cercada de perigos.



Mário de Mello Faro, membro da **Associação Portuguesa de Genealogia**, do **Instituto Brasileiro de Genealogia**, do **Colégio Brasileiro de Genealogia** e nosso consócio, lançou dia 21 de setembro na Biblioteca Social do Club Atlético Paulistano, duas plaquetas sobre famílias portuguesas de origem fidalga. “*Histórias e Fatos*” e “*Famílias Fidalgas Portuguesas e seus Vínculos no Brasil*”. Mário de Mello Faro é filho de **Alexandre de Moraes de Mello e Faro** (1879-1935), fundador no Brasil de uma empresa que veio dar origem a conceituada Casa Bancária Faro S/A. Os Mello Faro da Casa de Porto de Rei, em S. João da Fontoura provém de cepa real, eles descendem do 1º Duque de Bragança, portanto em sua linhagem está tanto D. João I, quanto D. Nuno Álvares Pereira, o Santo Condestável. Estes dois trabalhos vão reunir-se ao anterior: “*A Família “Mello e Faro” em Portugal e no Brasil*” (SP, 1996). Sucesso ao autor são os nossos votos.



Foi lançado o livro “*Em Nome da Fé. Estudos In Memoriam de Elias Lipiner*”. Uma coletânea em homenagem ao inesquecível historiador **Elias Lipiner** (v. **Obituário em Gerações**), organizada por **Nachman Falbel**, **Avraham Milgram** e **Alberto Dines**. São doze artigos, uma bibliografia da obra de Lipiner feita por Milgram e a transcrição de algumas conferências proferidas durante o “*V Centenário de Expulsão dos Judeus de Portugal*”. Os artigos estão dentro da história sefardita em todas as suas manifestações. O Embaixador **Mordechai Arbell** é autor de “*A colonização por judeus portugueses do Brasil holandês em Cayenne (atual Guiana Francesa)*”; **Haim Beinart**, de “*A expulsão dos muçulmanos de Portugal*”; **Francisco Moreno de Carvalho**, “*Zacuto Lusitano e um tratado de medicina dirigido ao Brasil*”; **Alberto Dines**, “*Aventuras e desventuras de Antônio Isidoro da Fonseca*”; **Nachman Falbel**, “*Um argumento polêmico em Vicente da Costa Matos*”; **Maria Antonieta Garcia**, “*Judeus de Belmonte e o poder autárquico*”; Elvira Cunha de Azevedo Mea, “*O cotidiano entre as grades do Santo Ofício*”; **Avraham Milgram**, “*Arthur Hehl Neiva e a questão da imigração judaica no Brasil*”; **Manuel Augusto Rodrigues**, “*A presença de judeus no território português nos séculos XI-XII à luz do Livro Preto da Sé de Coimbra*”; **Claude Bernard Stuczynski**, “*Subsídios para um estudo de dois modelos paralelos de “catequização” dos judeus em Portugal*”; **José Alberto Rodrigues da Silva Tavim**, “*O intérprete judeu nos “grandes espaços” do Oriente (século XVI): o triunfo do espião*” e **Frieda Wolff**, “*1901 – Anti-semitismo no Pará*”.

Um Descendente Ilustre de Branca Dias: **Ciro Gomes**

An Illustrious Descendant of Branca Dias: **Ciro Gomes**

Paulo Valadares

Branca Dias is a name linked to the Inquisition. She lived early Brazilian Colonial Period, when she became the first teacher domestic arts in Brazil. She left a large and illustrious descendance. Among her descendents is **Ciro Gomes**, a young candidate to the Presidency of Brazil.

Este pequeno artigo sobre os ancestrais cristãos-novos na genealogia do político **Ciro Gomes**, não implica em reconhecê-lo como judeu ou cristão-novo, mas lembrar que os judeus fazem parte do substrato da formação étnica do brasileiro desde os primeiros dias da Colonização. Ele é só um exemplo de destaque, por brilhar na política, mas que estes mesmos cristãos-novos podem ser encontrados em milhares de outras famílias anônimas que estão por todo o Nordeste¹.

Ciro Ferreira Gomes nasceu em Pindamonhangaba, S. Paulo (06-11-1957), filho de **José Euclides Ferreira Gomes Jr.** e **Maria José dos Santos**. O seu pai foi prefeito de **Sobral**, seguindo uma tradição familiar construída na administração pública, iniciada pelo primeiro **Ferreira Gomes**, oriundo de **Leiria, em Portugal**, que chegou ao Ceará na primeira metade do século XVIII. O próprio **Ciro** teve a carreira típica de um jovem da elite nordestina. Ele já exerceu os principais cargos públicos, tanto dentro de sua província, quanto em âmbito nacional. Inclui casou-se e teve filhos na própria oligarquia cearense. A sua hoje ex-esposa, pertence à estirpe dos **Pompeus de Souza**, descendente do (ex)padre: **Tomás Pompeu de Souza Brasil**. **Ciro** é nascido e casado em famílias tipicamente cearenses, e aparentado com descendentes de cristãos-novos, tão presentes na paisagem local.

O Ceará serviu como refúgio para muitos cristãos-novos perseguidos pelo Santo Ofício. O recorte acidentado do seu litoral e a inacessibilidade do Sertão atraíram estes perseguidos que buscavam livrar-se dos processos inquisitoriais, dos autos-de-fé, ficando longe do alcance da Inquisição, e assim recomeçar as suas vidas. Uma destas famílias é a dos **Montes**, de origem cristã-nova espanhola, que escolheu o Nordeste brasileiro para viver quando cinco irmãos se dirigiram para lá, depois de terem os pais queimados pela Inquisição. A maioria dos que hoje levam o sobrenome **Monte** se originam no capitão **Manuel José do Monte** (f.1778), pernambucano de Boa Vista, filho do coronel **Gonçalo Ferreira da Ponte**, “o *Caxaco*”, e de **Maria da Conceição do Monte e Silva**, neto ou bisneto daqueles refugiados. Dele descendem em linha reta os **Montes** e os **Ferreiras da Ponte** cearenses. O próprio **Manuel José do Monte** casou-se com uma moça desta estirpe, **Ana Maria Uchoa**, filha de um figurão de Sobral, o capitão e juiz de orfãos **José de Xerez** (ou **Xares**), introdutor do café e da técnica do enxerto agrícola no Ceará. Duas filhas do capitão **Manuel José do Monte** são ancestrais de **Ciro Gomes**.

O pernambucano de Goiana, **José de Xerez Furna Uchoa** (1722-1797), migrou para Sobral com fama de judaizante. Mas que tentou combatê-la, pesquisando em cartórios por doze anos e depois escrevendo um trabalho onde afirmou não ter tal qualidade de sangue, relacionando os padres e até um Papa na família (**Adriano VI**), porém reconhecia ter parentes próximos encrencados com o Santo Ofício. Pois a sua avó materna, **Antonia de Mendonça Uchoa**, fora casada com **Bartolomeu Peres de Gusmão**, o “Doutorzinho”, de quem tivera uma filha, a sua tia **Felícia Uchoa de Gusmão**, presa pelo Santo Ofício em 1730. Já, **José de Xerez**, descendia de um segundo casamento de **Antonia**. Porém esqueceu-se de dizer que des-

cedia (ele e a sua esposa) do casal emblemático dos cristãos-novos no Brasil, **Diogo Fernandes** e **Branca Dias**. Duas filhas de **José de Xerez**, casaram-se também com descendentes de cristãos-novos, a **Ana Maria Uchoa**, já citada, e **Mariana de Lira Pessoa**, com **Antonio Alvares de Holanda Cavalcante**, tetranelo do riquíssimo cristão-novo pernambucano **Belchior da Rosa**.

Esta **Branca Dias** (outra fonte acrescenta o sobrenome **Coronel**) é a personagem histórica que viveu em Pernambuco nos primeiros tempos da colonização, onde tinha uma escola para moças. Mas que não deve ser confundida com a homônima criada pelo teatrólogo **Dias Gomes**. Ela nasceu em **Viana, Portugal**, provavelmente em 1515, e acompanhou o marido **Diogo Fernandes**, também cristão-novo ao Brasil, onde foi processada pela Inquisição e, por ter morrido durante o processo, o Santo Ofício pediu que remetessem “*os seus ossos para serem queimados*” (Proc. 5.736, ANTT). Vários descendentes do casal também foram processados como judaizantes nos anos subsequentes. **José de Xerez da Furna Uchoa** e sua esposa **Rosa de Oliveira e Silva** descendem de **Branca Dias**.

Passaram-se as gerações depois de **Branca Dias**. A repressão ideológica e a diluição destas famílias através dos casamentos mistos, num processo de “cristianização” crescente levaram esta minoria etno-cultural ao desaparecimento. Mesmo assim restou na cultura cearense um ar levemente judaico que reaparece nos momentos mais inesperados. Durante a cerimônia de posse de **Miguel Arrais de Alencar**, (ele fôra eleito Governador de Pernambuco depois de seu exílio na Argélia), leram-se as palavras do profeta **Jeremias** (24: 5-7), sobre o desterro dos judeus. Ou achar como o Padre **João Mendes Lira** (descendente dos **Ferreiras da Ponte**) que pesquisou este assunto no Ceará, “*em Sobradinho, reduto principal deles [os Ferreiras da Ponte], encontrei um pequeno cemitério contendo um túmulo no qual se lia uma inscrição com duas letras portuguesas, quatro em hebraico e números de difícil decifragem*”. Na linhagem dos **Montes** há até aqueles que retornaram ao judaísmo como **Flávio Mendes Carvalho** (1954-1996), autor de “*Raízes Judaicas do Brasil – O Arquivo Secreto da Inquisição*” (1992); **Andrelino Alves Feitosa**, o **Andre Fitousie**, que hoje vive em Haifa, dentre outros que já encontramos pela vida. **Natércia Campos**, aproveitando os poemas de **Virgílio Maia** e os trabalhos de **Socorro Torquato** sobre a heráldica israelita, escreveu uma artigo memorável chamado “*A alma bíblica do Sertão encourado*”, sobre a esta faceta judaizante do Ceará².

Estes são os ancestrais cristãos-novos do político **Ciro Gomes**. São os **Montes**, os **Ferreira da Ponte**, o abastado **Belchior da Rosa**, **Diogo Fernandes** e **Branca Dias**.

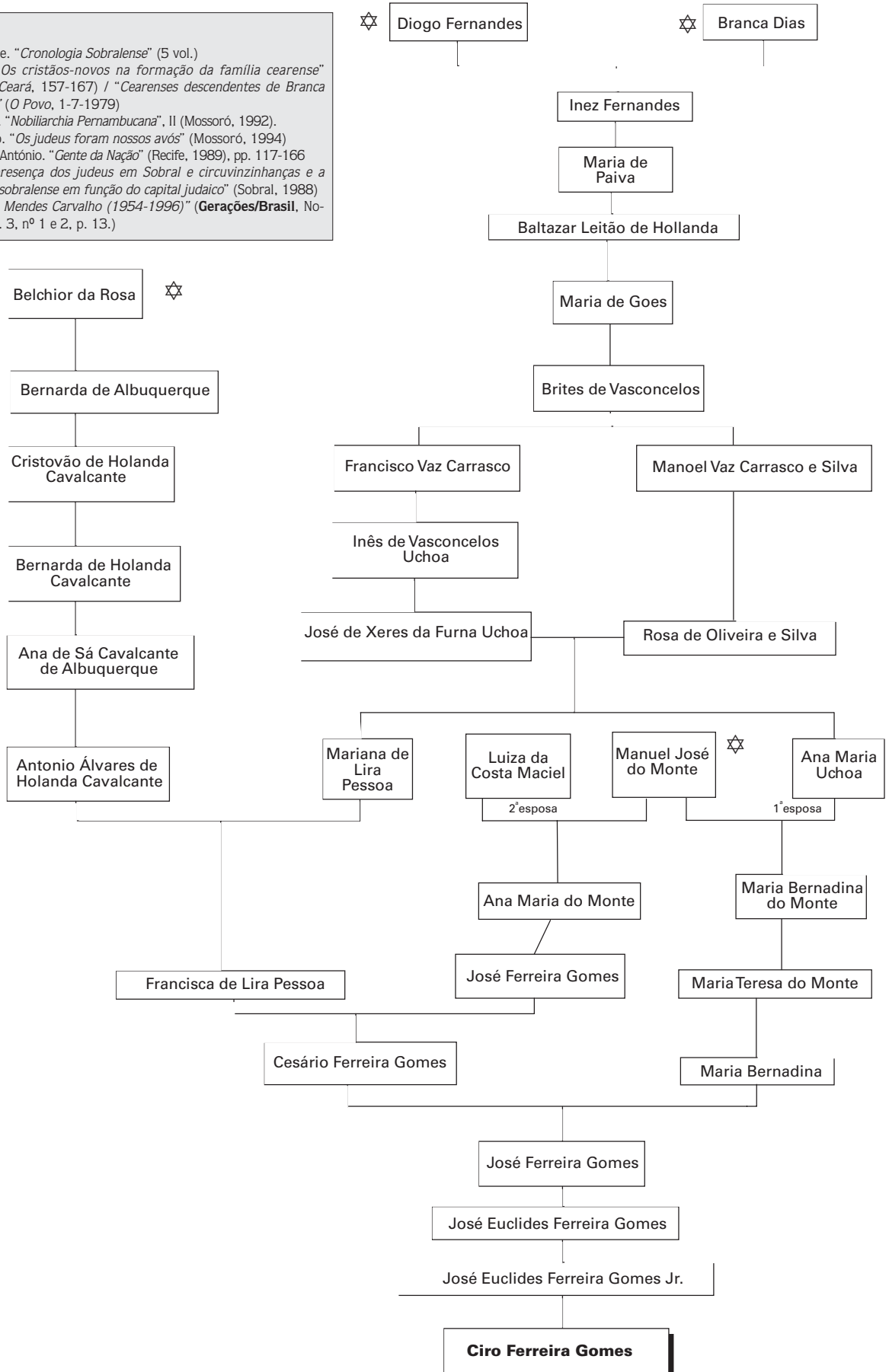
Nota

- 1 Devo ao Dr. **Cândido Pinheiro de Lima** de Fortaleza, descendente de um irmão de **José de Xerez**, parte do material utilizado neste trabalho. A ele os meus agradecimentos.
- 2 “*O Povo*”, Fortaleza, 4-9-1999, p. 5B

Branca Dias, Belchior da Rosa e Ciro Gomes

Bibliografia

- **Araújo**, Francisco Sadoc de. "Cronologia Sobralense" (5 vol.)
- **Barros Leal**, Vinicius. "Os cristãos-novos na formação da família cearense" (*Revista do Instituto do Ceará*, 157-167) / "Cearenses descendentes de Branca Dias (Verdadeira história)" (*O Povo*, 1-7-1979)
- **Borges da Fonseca**, A.J.V. "Nobiliarquia Pernambucana", II (Mossoró, 1992).
- **Filgueira**, Marcos Antônio. "Os judeus foram nossos avós" (Mossoró, 1994)
- **Gonsalves de Mello**, José Antônio. "Gente da Nação" (Recife, 1989), pp. 117-166
- **Lira**, João Mendes. "A presença dos judeus em Sobral e circunvizinhanças e a dinamização da economia sobralense em função do capital judaico" (Sobral, 1988)
- **Valadares**, Paulo. "Flávio Mendes Carvalho (1954-1996)" (*Gerações/Brasil*, Novembro 96 e Abril 97, vol. 3, nº 1 e 2, p. 13.)



Abracadabra e Shabriri no Judaísmo

Prof. Reuven Faingold

A enigmática palavra *Abracadabra*, vulgarmente utilizada pelos mágicos em suas apresentações públicas, é uma antiga fórmula aramaica (hebraico antigo) extraída do misticismo judaico e da Cabala prática, aceita também nas diferentes culturas da Mesopotâmia. No antigo Oriente, o berço da civilização, era comum acreditar que esta estranha palavra possuía poderes superiores, celestiais, capazes de curar todo tipo de doenças, especificamente as chamadas doenças de quarentena.

São várias as possíveis origens da fórmula *Abracadabra*, e a maior parte delas se remonta ao nome aramaico de um demônio. Outros acreditam que o nome deriva da palavra *Abraxas*, uma pedra utilizada no mundo antigo para rituais religiosos.

Que eram *Abraxas*? Qual a função dos *abraxas* nos rituais mesopotâmicos?

Estudando a etimologia do termo, vemos que trata-se de uma palavra composta: em grego *abrós* significa “belo” e *são* representa o “Salvador”. Uma segunda leitura, pouco verossímil, aproxima o termo aramaico *ab* que significa “pai” ao verbo *bara* (Gen. 1:1) que significa “criar”. Há nestas duas etimologias o fator divino personificado num “pai-salvador”, e o fator humano representado na própria “beleza da criação”.

A primeira menção da palavra *Abracadabra* em textos, aparece num documento do século II atribuído ao médico romano Severus Sammonicus. Ele redigiu um tratado terapêutico de versos hexâmetros intitulado “*Preceitos da Medicina*”, onde ensina o modo correto de colocar os caracteres da palavra *ABRACADABRA*. As formas seriam as seguintes:

A B R A C A D A B R A
B R A C A D A B R A
R A C A D A B R A
A C A D A B R A
C A D A B R A
A D A B R A
D A B R A
A B R A
B R A
R A
A

A B R A C A D A B R A
B R A C A D A B R A
R A C A D A B R A
A C A D A B R A
C A D A B R A
A D A B R A
D A B R A
A B R A
B R A
R A
A

A B R A C A D A B R A
B R A C A D A B R
R A C A D A B
A C A D A
C A D
A

Todas as letras escritas devem estar colocadas num pergaminho e dobradas em triângulo, de forma tal que, da parte externa não seja possível decifrar as letras. Esta fórmula de letras *Abracadabra* era amarrada por meio de um fio branco ao pescoço do enfermo durante nove dias. Encerrado deste período, o convalescente levanta de sua cama vagarosamente, e caminha até as margens de um rio; e naquelas águas ele atira o pergaminho com sua fórmula mágica. Durante o

tempo em que o paciente tinha contato com a fórmula, ele repetia, diariamente, as palavras: “*que sejam combatidas as febres intermitentes, as fraquezas existentes e que todas as doenças mortais sejam afastadas com seu maravilhoso poder de cura*”.

Também eram comuns os pergaminhos com acrósticos em forma de pirâmide invertida (triângulo), em geral de palavras incompreensíveis, arrumadas segundo o modelo do *Abracadabra*. A modo de exemplo:

A K R A B O K U S
K R A B O K U S
R A B O K U S
A B O K U S
B O K U S
O K U S
K U S
U S
S

Assim, da mesma forma que existem as fórmulas *Abracadabra* e *Akrabokus*, existem outras tantas enunciações de origem judaica, que aparecem em inscrições e lápides, em encarnações e até em pequenos amuletos. Uma dessas fórmulas é *Shabriri* que assinala o nome do demônio da cegueira. A palavra *Shabriri* foi utilizada freqüentemente por judeus sefaraditas, tanto iemenitas e persas como também por judeus ibéricos (espanhóis e portugueses), em anéis, pendentos ou amuletos. A curiosa fórmula *shabriri* aparece registrada desde tempos antigos em alguns tratados do *Talmude*, como em *Pesachim 112a* e *Avodá Zará 12b* da seguinte forma:

S H A B R I R I
A B R I R I
R I R I
R I

S H A B R I R I
H A B R I R I
A B R I R I
B R I R I
R I R I
I R I
R I
I

S H A B R I R I
H A B R I R
A B R I
B R

A escrita mágica desta fórmula talmúdica estava disposta de forma tal que, em cada linha ia-se perdendo uma ou mais letras. Qual seria, então, o significado oculto da gradual diminuição das letras? Segundo os sábios, assim como se perdem as letras (fator terapêutico), da mesma forma desapareceram por completo a febre intermitente, as terríveis convulsões, e as numerosas doenças que afetam o corpo da pessoa.

Existe uma outra fórmula utilizada pelos judeus, similar em seus efeitos mágicos e terapêuticos, à palavra *Abracadabra* e a fórmula hebraica *Shabriri*. Trata-se da expressão *Vatishka Esh*, ou seja “e o fogo foi contido”. A febre que afetava o paciente era o fogo. A prece alcançava a doença e desta forma ela seria estirpada. Esta comparação, as vezes afastada da própria realidade, tem suas origens num episódio bíblico (Números 11: 1-2) onde o relato diz que quando o

Povo de Israel começou a reclamar amargamente perante Deus, o Todopoderoso ouviu isto, irou-se, e ascendeu entre eles um fogo que devorou a extremidade do acampamento no deserto. O povo judeu implorou a Moisés, Moisés orou ao Senhor e finalmente o fogo extinguiu-se [*Vatishka Esh*]. Conjugando-se o verbo hebraico “*shin-kof-ain*” (inf. *lishkoa*), que significa “apagar”, “extinguir”, “afundar” ou “aplar”, a fórmula redentora seria a seguinte:

VATISHKA ESH
TISHKA ESH
SHKA ESH

O teólogo cristão Wendelin de Tournay acreditava que as quatro primeiras letras do termo *Abracadabra* seriam as iniciais de AV, BEM, RUACH AKODESH, que na língua hebraica significa “*Pai, Filho, Espírito Santo*”.

AV
BEN
RUACH
AKODESH

Em outras palavras, segundo Wendelin, estaríamos na presença das Três Pessoas da “Sagrada Trindade”. Obviamente, os rabinos e talmudistas da época jamais aceitaram esta interpretação provocativa de cunho cristológico.

Outros exegetas interpretaram de modo diferente a fórmula *Abracadabra*. Estes acharam que a forma seria uma corruptela da palavra *Bracha* ou *Bircat* ou *Bracha*. Seja como for, esta última possibilidade aparece como uma hipótese forçada, sem fundamento e um tanto especulativa.

Resumindo, podemos afirmar que não há certeza acerca da verdadeira origem da fórmula *Abracadabra*, no entanto um fato resulta indiscutível: um número bastante considerável de expressões de raiz aramaica-hebraica, eram utilizadas pelos judeus de formas similares, para obter uma cura ou qualquer outro objetivo superior de caráter terapêutico. Os reais efeitos da cura ao pronunciar-se a palavra *Abracadabra* são difíceis de avaliar, ficando esta enigmática questão em aberto para uma outra oportunidade.

Bibliografia consultada:

- Barzilai, *Gli Abraxas*, Trieste 1873.
Bellerman, A., *Tres programas sobre las piedras abraxas*, Madrid 1820.
Dietrich, A., *Abraxas*, Berlin 1891.
Enciclopedia Judaica, vol. 2, pág. 111
Fernandez Valbuena, *Egipto y Asíria resucitados*, Madrid 1879.
Kircher, P., *Prodromus coptus sive aegyptiacus*, Amsterdam 1672.
Laurent-Delille, *Les Superstitions des sectaires aux premiers siècles*, Paris 1859.
Rosenbach, E., *Idolatria y Cabala*, traducción española, 1ª ed. Berlin 1906.
Trachtenberg, J., *Jewish Magic and Superstition*, New York 1939.

Resenha de Livro

“The Consular History of the Picciotto Family 1784-1895”

Alain Bigio

A SGJ/Br recebeu o livro “*The Consular History of the Picciotto Family 1784-1895*” de autoria do Sr. Emilio Picciotto de Milão. O livro foi publicado em setembro de 1998 em italiano e inglês. A cópia que escolhemos para o nosso acervo foi em inglês. A obra trata de uma família sefardí que emigrou de Livorno (em inglês Leghorn) na Toscana para o Oriente Médio. Graças à sua fortuna, cultura e bom relacionamento com a comunidade local, diversos países europeus solicitam seus serviços consulares. Raffaele Picciotto torna-se assim cônsul honorário temporário do Império Austro Húngaro. Honorário por não ser remunerado. Ele dá início a uma dinastia de consules que durará 111 anos, de 1784 até 1895. Neste período, um Picciotto sempre era consul de algum estado europeu e até mesmo dos Estados Unidos. Membros da família representaram os seguintes países nesse período: os Impérios Austro Húngaro e Russo, os reinos da Bélgica, Dinamarca, Etrúria, da Grã Bretanha, Holanda, Persia, Prússia, da Sardenha, das duas Sicílias, da Espanha, da Suécia e Noruega, do Grão Ducado de Toscana, da República de Ragusa e dos Estados Unidos da América. O último Picciotto a ter posição diplomática no Oriente Médio foi Giuseppe de Picciotto de 1861 até 1895 como vice-consul da Suécia e Noruega.

O livro começa com uma árvore genealógica dos consules seguido das posições consulares que cada membro ocupou. Cada capítulo representa um país e em cada subcapítulo a história de cada

elemento da família que serviu nesse consulado. O primeiro, Raffaele Picciotto, recebe a incumbência, inicialmente temporária e em seguida é confirmado no posto. Recebe o título de “*Ritter Von Picciotto*” – Cavaleiro de Picciotto e é autorizado pelo imperador a colocar a partícula “de” em seu nome, e a ter um brasão cujo facsímile ilustra o livro.

Ricamente ilustrado com reproduções, o livro exhibe diversos documentos que comprovam os fatos. Há cópia do documento reconhecendo a cidadania toscana de Daniel e Ille Picciotto datado de 2 de outubro de 1771. Outra preciosidade em latim seguida da tradução para o inglês da elevação de Raffaele Picciotto à posição de Cavaleiro, incluindo a descrição do escudo e a autorização de usar a partícula nobiliarquica “de” por ele e por seus descendentes legítimos, datado de novembro de 1806 e assinado por Francisco I. Segue contando as histórias de cada potência e a biografia dos representantes de cada uma. Cada nomeação é plenamente documentada.

Diversos autores escreveram a respeito desta dinastia. Entretanto, o mérito do autor Emilio Picciotto é a meticulosidade na pesquisa e na riqueza da documentação apresentada. Os documentos foram obtidos dos arquivos nacionais dos vários estados mencionados. O Sr. Emilio Picciotto está de parabéns pelo minucioso trabalho que fez. Ele não relatou um único fato sem ter a documentação comprobatória. Isto torna o livro uma grande preciosidade para o pesquisador.

Um livro com a cara do Brasil

Paulo Valadares

A família Cunha Bueno pertence à aristocracia brasileira. Entre os seus ancestrais diretos encontra-se Amador Bueno da Ribeira (séc. XVII), que foi aclamado “rei” do Brasil, mas que por lealdade à Coroa recusou a honraria. Depois dele vieram grandes fazendeiros de café, viscondes, donos de seguradoras e políticos. Um deles, Antonio Sylvio da Cunha Bueno, foi deputado federal e um dos fundadores da Câmara Brasil-Israel de Comércio e Indústria em 1958 e seu presidente até falecer em 1969. O seu filho Antonio Henrique Bittencourt da Cunha Bueno, deputado federal e líder monarquista, manteve as ligações do pai, participando de diversas instituições judaicas. Cunha Bueno, o filho, é também genealogista de mão cheia, membro das mais importantes associações que congregam estes pesquisadores, inclusive a Sociedade Genealógica Judaica do Brasil.

Parceiro do arquiteto carioca Carlos Eduardo de Almeida Barata, dos mesmos Baratas do republicano Cipriano Barata, genealogista famoso, autor de quase uma centena de trabalhos sobre o tema, ele e Cunha Bueno uniram as suas anotações e assim surgiu o “*Dicionário das Famílias Brasileiras*”. São dois volumes, 2.500 páginas, mais de dezessete mil verbetes, quase dois mil livros consultados e registrados na sua bibliografia. Acompanha o livro um CD ROM com 1900 imagens de brasões e retratos dos personagens, com um sistema de busca que facilita bastante a pesquisa. Pode-se pesquisar pela origem étnica ou nacionalidade, por títulos e, é claro, por sobrenome. O trabalho dos dois pesquisadores impressiona, pelo volume das informações coletadas e a forma com que foram trabalhadas.

O livro tem a forma de um dicionário e está dividido em dois volumes. Há um intróito onde os autores verbetizam alguns conceitos de genealogia, heráldica, formando no seu conjunto o material necessário para compor um curso rápido sobre o tema tratado. Depois os autores entram no tema realmente proposto: uma história das famílias brasileiras. O primeiro volume, vai de “*Aanberg*” até “*Gonçalves da Penha*”. O segundo volume, de “*Gonçalves Pereira*” até “*Zweig*” (é ele mesmo, o Stefan). Em cada um destes verbetes os autores contam sumariamente a história destas famílias. É interessante notar que este livro tem realmente a cara do Brasil. Pois não discrimina nem etnia, nem nacionalidade ou religião. A família que teve um registro escrito, num livro ou artigo, e foi encontrada pelos autores, está incluída no trabalho. Os verbetes trazem a “*linha indígena*”, a “*africana*” e “*cristã-nova*” do sobrenome focalizado.

Como se percebe o seu interesse é para todos leitores. Para nós particularmente o interesse é duplo. Primeiro ele não registrou apenas as famílias judias, mas também várias linhagens de origem cristã-nova, gente que, convertida ao Catolicismo, teve que sofrer com a Inquisição. Quanto aos judeus o trabalho não é completo, e a “culpa” não é dos autores, pois há pouco material publicado sobre famílias judias brasileiras. Mesmo assim há uma quantidade razoável destas famílias registradas no livro. Algumas com a história completa, outras apenas o seu registro. Como exemplo de verbetes completos é só ler os relativos aos “*Feffler*”, “*Perlman*” e aos “*Peres*”, dentre outros.

Quanto aos cristãos-novos, os autores registram uma quantidade maior deles. Pois neste caso as fontes são mais acessíveis e em maior número. São 301 sobrenomes que vão do simples “*Abreu*” ao in-comum “*Zuzarte*”. Neste intervalo entre um e outro encontramos a tragédia vivida por estes personagens. A guisa de exemplo, tomei ao acaso, o referente a família “*Chacón*”: “*No Brasil holandês, há registro de Manuel Gomes Chacón, mercador, que converteu-se ao judaísmo. Sendo circuncidado por Yschac Abuab da Fonseca, em 1643, assumiu o nome de Isaac Habib. Em 1644, voltou ao catolicismo. Foi*

preso em 1647 e enviado para Lisboa, condenado no auto-de-fé de 1647, a cárcere e hábito a arbítrio. Tinha irmãos que também se tornaram judeus. Deixou geração do seu casam., em 1633, com Maria Soares de Leão, tendo dois filhos que continuaram católicos e abandonaram o pai” (p. 724).

É claro que um trabalho deste tamanho tenha os seus defeitos (poucos). Alguns verbetes aparecem em duplicata (*Koelireutter* e *Koellreutter*, *Macalão* e *Malacão*), e algumas identificações de famílias judaicas não estão corretas, como a que diz que *Feder* é sefardita. No CD-ROM identificamos outro problema: as palavras selecionadas em hipertexto não são as mais necessárias para consulta. Porém nenhum destes defeitos diminui a obra. Eles são a mínima parte da cota de erros de quem se propõe a um trabalho desta magnitude.

Os autores prometem mais alguns volumes para breve. Assim, para as famílias que tenham ficado de fora nos dois primeiros volumes, fica a sugestão de enviar a sua árvore genealógica para os autores nos seguintes endereços: “*Dicionário das Famílias Brasileiras*”. Caixa Postal n. 3000, 01060-970, São Paulo (SP)”, ou no fax (0xx11) 289-4074, ou para Webmaster@dicionariodasfamilias.com.br.

Nossos cumprimentos aos autores por este magnífico trabalho, e fazemos nossas as palavras de Luís Fernando Verfíssimo: “*pense neste dicionário como uma floresta genealógica, amazônica no seu tamanho e diversidade, mas com todas as árvores devidamente identificadas e descritas como num jardim botânico. Uma excursão no seu interior pode ser uma educação e pode ser uma aventura. Será sempre um prazer*”.



A **Sociedade Genealógica Judaica do Brasil** dispõe de alguns exemplares do *Dicionário das Famílias Brasileiras* para venda aos sócios e a instituições. O preço é especial, R\$200,00 (duzentos reais), incluído o CD-ROM e a remessa postal. Os interessados devem entrar em contato conosco através da Caixa Postal 1025, CEP 13001-970, Campinas ou pelo e.mail faiguen@attglobal.net

- A “**Medalha do Pacificador**” é concedida pelo Exército Brasileiro a personalidades que se destacam na construção de uma relação fraterna entre os cidadãos e a tropa. A condecoração lembra **Luís Alves de Lima e Silva**, o “*Duque de Caxias*” (1803-1880), o soldado mais bem sucedido de nossa história. Ela é o brasão pessoal deste cabo de guerra, preso numa fita vermelha e azul. O escudo de Caxias, partido de dois traços cortado de um, homenageia os seus costados mais importantes: 1) Silva, “*de prata com leão de púrpura armado de azul*”; 2) Fonseca, “*de ouro com cinco estrelas de vermelho, postas em sautor*”; 3) Lima, “*de ouro com quatro palas de vermelho*”; 4) Brandão, “*de azul com cinco brandões de ouro, acesos de vermelho, postos em sautor*”; 5) Sorumenha, “*de vermelho com uma árvore de verde ladeada, à direita de uma crescente de ouro e à esquerda de uma flor de lis do mesmo*”; e 6) Silveira, “*de prata, com três faixas de vermelho*”. Curioso notar que a sua representação dos Fonseca, “*cinco estrelas sanguinhas em campo de ouro*” é a mesma dos Fonseca alagoanos, chamados “*os sete Macabeus*” e do rabino **Yitschac Abuhab da Fonseca**, *haham* em Pernambuco no séc. XVII.

- Foi assinado no gabinete ministerial do Palácio do Itamaraty, em 1 de setembro, acordo diplomático que isenta de visto os israelenses que queiram visitar o Brasil. O ato foi firmado pelo Ministro **Luiz Felipe Lampréia** e pelo Embaixador **Yaakov Keinan**. O deputado **Cunha Bueno**, presidente do **Grupo Parlamentar Brasil-Israel**, nosso consócio, foi quem deu esta sugestão, com intuito de fortalecer o intercâmbio comercial e sócio-cultural entre o Brasil e Israel. Sob o patrocínio do **Grupo Parlamentar Brasil-Israel**, foi lançado no Salão Nobre da Câmara dos Deputados o livro de Faingold: “*D. Pedro II na Terra Santa. Diário de Viagem – 1876*”. Parabéns ao deputado **Cunha Bueno** pelo excelente trabalho!
- A **Casa de Cultura de Israel** e o **SESC S. Paulo** promoveram entre 12 de agosto a 07 de setembro a exposição “*Luzes do Império. D. Pedro II e o Mundo Judaico*” com sucesso. A sua inauguração contou com a presença do Ministro **Francisco Weffort**, do Sr. **Abram Szajman** e de outras autoridades. O seu tema são as relações afetivas do Imperador brasileiro com os judeus. Ele falava, lia e escrevia em hebraico. Visitou sinagogas na Europa e nos EUA. Peregrinou na Terra Santa em 1876. Trazendo material inédito e algumas revelações, a exposição foi complementada por quatro palestras; **Paulo Valadares** (a genealogia do Imperador), **Reuven Faingold** (A viagem a Terra Santa), **Maria Luiza Tucci Carneiro** (D. Pedro II e os judeus) e **Lilia Moritz Schwarcz** (a construção da figura do Imperador). Parabéns ao Prof. **Reuven Faingold**, curador da exposição, pela reunião de tão expressivo material, e ao arquiteto **Roberto Loeb**, pelo belíssimo projeto museológico!



- Lançamentos.** O livro “*Hermes. Meu Pai*” (1998, 128 páginas), de **Ivo Leonel Paciornik**, é a biografia do médico e professor paranaense **Hermes (Hersh) Paciornik** (Lutzk., 14-08-1918). Os Pacionirnik chegaram ao Brasil em 1933. Foram os últimos deste nome na Polônia. “*Por razões políticas e de discriminação, o Hermes assim como todos os judeus vindos da Polônia não transmitiram aos seus próprios filhos a cultura polonesa. Nós, nascidos no Brasil, não aprendemos uma única palavra em polonês; não conhecemos uma única festa tradicional polonesa, uma única característica do país, a não ser o anti-semitismo. No almoço caseiro do dia a dia, as discussões e as conversas podiam girar sobre o mais variados temas, mas por um “acaso”, o assunto Polônia nunca foi ventilado. Os judeus-poloneses aqui chegados não eram poloneses. Eram judeus. A nacionalidade geográfica simplesmente deixou de existir. Na verdade, ela nunca existiu; a não ser por alguns documentos formais, antigos e desbotados. Meu pai nunca foi polonês. Os valores culturais judaicos permaneceram e serão repassados para todo sempre, independente da religiosidade propriamente dita*”. (pp. 107/8). Há um apêndice, com uma frondosa árvore genealógica de sete gerações, cujo tronco é Hersch Paciornik, avô do mencionado médico, que esparrama-se entre o Parana e São Paulo.



- Lançamentos.** “*Mecenato Pombalino e Poesia Neoclássica*” (Fapesp/Edusp, 620 páginas) é um trabalho de **Ivan Prado Teixeira** que reconstitue as relações do estadista **Sebastião José de Carvalho e Melo**, o **Marquês de Pombal**, com jovens literatos da província brasileira, notadamente o mulato **Basílio da Gama**, autor de “*O Uruguay*” e seu secretário pessoal. É um trabalho de profunda erudição, onde o autor aborda um novo ângulo da administração pombalina, o uso de escritores brasileiros para a construção de uma imagem positiva do seu governo. O Dr. Teixeira esteve na tarde de um domingo na **SGJ/Br.** falando sobre o tema (23-05-1999). A sua exposição serena e erudita agradeu ao seletivo grupo que foi ouvi-lo. O colecionador

Marcos Chusyd, possuidor de uma importante coleção de Judaica, trouxe alguns documentos originais da época, inclusive a publicação da lei que terminava com a separação jurídica entre cristãos-novos e velhos em Portugal (1773).

Alguns Locais de Pesquisas...

- Arquivos para consultas em S. Paulo : O Estado de S. Paulo**, av. Eng. Caetano Álvares, 55, Bairro do Limão, tel. 8562186 (com hora marcada) * **Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo**, rua Benjamin Constant, 158, 3 andar, Sé, tel. 328064 * **Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros da USP**, av. Prof. Mello Moraes, 1235, bloco D, sala 204, Cidade Universitária, tel. 8153106 * **Arquivo Histórico Judaico Brasileiro**, rua Prates, 790 * **Arquivo Histórico Municipal Washington Luís**, rua Roberto Simonsen, 136. Sé Tel.: 341463 * **Arquivo Metropolitano D. Duarte Leopoldo Silva**, av. Nazaré, 993. Ipiranga. Tel.: 2723726 * **Arquivo Multimeios do Centro Cultural S. Paulo**, rua da Figueira, 77, Casa das Retortas, Brás * **Fundação Sistema Estadual de Análises de Dados (SEADE)**, av. Cásper Líbero, 464, tel.: 2292433
- Não deixe a Cultura Sefaradita entrar no esquecimento. Assine uma destas revistas ou boletins:**

La Lettre
Sepharade

Kulanu, 11603 Gilsan Street, Silver Spring, MD 20902-3122, USA * **Raices**, apartado 16110, 28080, Madrid, España * **Ke Haber** (Sephardic Federation of Palm Beach), 2701 Village Blvd., # 404, West Palm Beach, FL 33409, USA * **Etsi** (Revue de Généalogie et d'Histoire Séfarades), 77 bd Richard-Lenoir, 75011, Paris, France * **Nascente** (Congregação Mekor Haim), Rua S. Vicente de Paulo, 276, 01229-010, S. Paulo, São Paulo, Brasil. [revista@mandic.com.br] * **Morashá** (Congregação e Beneficência Sefardi Paulista), Rua Dr. Veiga Filho, 547, 01229-000, S. Paulo, São Paulo, Brasil [morasha@uol.com.br] * **Aki Yerushalayim**, revista kulturala djudeoespanyola, PO Box 8175, Yerushalayim, 91080, Israel * **AAJFT Newsletter**, 17, Grenfell Dr. Great Neck, NY, 11020, USA * **El Vocero**, Av. Ricardo Lyon 812, Santiago, Chile * **Erensia Sefaradi**, 46 Benson Place, Fairfield, CT, 06430, USA * **La Lettre Sepharade**, F-84220, Gordes, France * **Los Muestrros**, 25, rue Dodonée, 1180, Brussels, Belgique * **The Shearith Israel Bulletin**, Congregation Shearith Israel, 8 West 70th, New York, N.Y., 10023, USA * **The Jewish Museum of Greece**, 36 Queen Amalia Avenue, 10558, Athens, Greece * **Tiryaki**, Tünel, Kumbaraci Yokusu, 131, Beyoglu-Estambul, Turquie * **Salom**, Atiye Sok. Polar Apt. N. 12/6, Tesvikiye Istanbul, Turquie * **Shajar – Nuevo Amanecer**, Comunidad Israelita Sefaradi del Uruguay, C/ Buenos Aires, 234, Montivideo, Uruguay * **Sephardic House Newsletter**, 2112 Broadway, Suite 207, New York, NY, 10023, USA * **Noticias del Museo Sefardi de Toledo**, C/ Samuel Levi s/n, 45002, Toledo, España * **Magen – Escudo**, Av Principal de Mariperez, Los CaobosCaracas, 1050, Venezuela * **Hamerkaz**, 6505 Wilshire Blvd. Suite 403, Los Angeles, CA, 90048, USA.



Falecimentos

- Faleceu no Rio de Janeiro (21-04-1999), o industrial **Marco Argalji**, nascido no Líbano (24-03-1924). Ele, um mascate nas ruas do Rio de Janeiro descobriu que seria interessante vender, além de calças masculinas, também roupa feminina. A princípio ele importou *lingerie* européia, depois descobriu, na prática, que as mulheres brasileiras tinham um corpo diferente. Assim usando os seus conhecimentos de alfaiate costurou um *soutien* com estas novas medidas. Este foi o início da “*Duloren*” (em homenagem a Sophia Loren), a maior indústria carioca deste ramo.
- Faleceu em Jerusalém (20-03-1999), **Josef Dawid Sztulman**, nascido em Lublin (18-01-1919), neto de um dos dirigentes da famosa *Yeshiva Chachmei Lublin*. Ele chegou ao Brasil dois meses antes da invasão nazista da Polônia. Radicando-se em Avaré. Foi um ativista nos setores educacionais da comunidade paulista.
- Faleceu em S. Paulo (18-05-1999), o dramaturgo brasileiro **Alfredo de Freitas Dias Gomes**, nascido em Salvador (19-10-1922) de família católica. Autor de uma vasta obra dramaturgica, composta de peças teatrais, radiofônicas e novelas de TV. Destaca-se entre elas, a peça teatral “*O Santo Inquérito*” (1966), sobre a prisão e execução da cristã-nova paraibana Branca Dias, em 1750. É um dos poucos trabalhos que utilizou a história das relações entre os cristãos-novos e a Inquisição católica como material dramático.



Rabino Chahoud Moussa Chereim

- Faleceu em S. Paulo (04-07-1999), o “*Morênu Verabênu Vaatêret Roshênu Harav Hagadol*” (Nosso Mestre, Nosso Rabino, Guia de Nossas Cabeças, Grão-Rabino) **Chahoud Moussa Chereim**, natural de Aleppo (1915), onde foi diretor de *Talmud Torá*. Em 1947 mudou-se para Beirute, onde foi reconhecido como Grão-Rabino do Líbano, A.B.D. de Beirute, onde ficou “*até se certificar de que o último judeu da congregação estava são e salvo*”, vindo então para o Brasil, onde liderou a comunidade judaica síria-libanesa. “*O dia, para ele — disse o Dr. Rahmo Nasser Shayo —, começava antes das 4 horas e ia até tarde da noite, dividido entre as orações, estudos, aulas pela manhã, à tarde e à noite*”. O Rabino David Weitman, da *Congregação e Beneficência Sefardi Paulista*, destacou também sua coragem em defesa da comunidade e a sua capacidade para ensinar. [Ele] “*mereceu uma benção que poucos obtêm: “Olamchá tirê bechaiecha” (a recompensa verás nos seus dias). Ele chegou a ver frutos dos frutos: três gerações de alunos*”.

- Faleceu no Rio de Janeiro (25-08-1999), a jornalista **Helena Salem**, de 51 anos. Ela foi a primeira brasileira a ser correspondente de guerra, cobrindo a guerra do Yom Kippur, para o “*Jornal do Brasil*”. Porém, o seu destaque maior foi na área do cinema, cobrindo festivais, biografando diretores (Nelson Pereira dos Santos, Leon Hirszman) como também dirigindo documentários.
- Faleceu na Itália (18-09-1999), o historiador italiano **Leo Valiani**, nascido em Rijeka, [Fiume] (09-02-1909). Ele é o autor do livro “*The End of Austria-Hungary*”. Valiani é lembrado por sua contribuição a política italiana. Comunista de origem, ele participou do julgamento de Mussolini e depois da elaboração da constituição republicana e foi um dos fundadores do Partido Radical. Era Senador vitalício. O “*The Economist*” resumiu a sua vida assim: “*was that rarity, a historian who made history*”.



Edmond J. Safra

- Faleceu em Montecarlo (03-12-1999), o banqueiro e filantropo **Edmond Jacob Safra**, nascido em Beirute (06-08-1932). Membro de uma dinastia de banqueiros e benfeitores. Ele comandava um império estimado em US\$ 55 bilhões, espalhado por 55 países e cuja face mais visível era o *Republic Bank of New York*.
- Faleceu na Jamaica (07-03-2000), o Rabino **Ernest de Souza**, de 67 anos, líder da comunidade local desde 1978. Autor de vários livros, destacando-se dentre eles um sidur usado pela sinagoga Shaarei Shalom.
- Faleceu no Rio de Janeiro, **Samuel Malamud**, de 91 anos. Dirigente comunal, advogado, e escritor. Ele foi o primeiro Cônsul de Israel no Brasil, entre 1948 a 1953. Suas memórias deram origem a novela “*Kananga do Japão*”.



Rabino Ernest de Souza

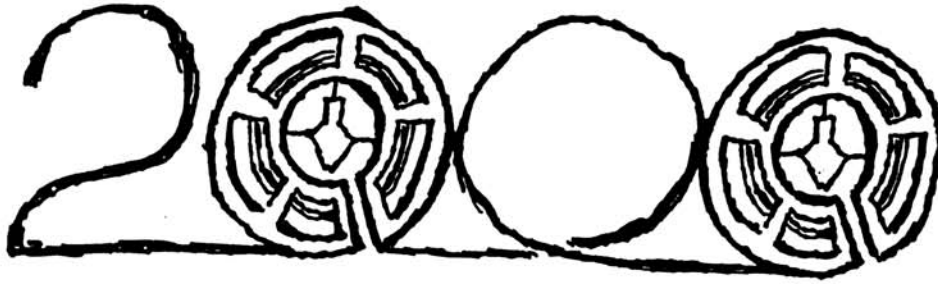
- Faleceu em Lisboa (14-02-2000), a professora **Fernanda Bensaúde Branco Sampaio**, aos 92 anos, mãe de Jorge Sampaio, atual Presidente da República Portuguesa. Pelo costado materno ela descendia de judeus marroquinos radicados no país desde o século passado. O seu filho retratou-lhe assim: “*é uma pessoa disciplinada, metódica. Admiro-lhe muito a inteligência e o espírito lutador. Teria sido sufragista. Sempre se interessou imenso pelos problemas dos outros e é daquele gênero que, quando não concorda, protesta, escreve, mexe-se, até conseguir que as coisas se resolvam*”.



Brasil, século XVI



SLCY2K • SLCY2K • SLCY2K • SLCY2K • SLCY2K • SLCY2K • SLCY2K • SLCY2K • SLCY2K



Where can you be among hundreds of Jewish genealogists and have access to:

- More than 80 genealogy lectures
- Birds of a feather meetings
- Special interest group meetings
- Luncheons with fellow genealogists
- Breakfast with experts
- Networking with hundreds of genealogists

Where can you have access to:

- 2,000,000 microfilm reels
- 700,000 microfiche
- 280,000 books
- Census records
- Vital records
- Passenger lists
- and much, much more

Answer:

The 20th International Conference on Jewish Genealogy, hosted by the International Association of Jewish Genealogical Societies is to be held July 9–14, 2000, in Salt Lake City, Utah, home of the Family History Library.

Program

Several key persons at the LDS (Mormon) Family History Department will speak to the group. **David E. Rencher, Director of Library Services**, will give the keynote speech at the opening session of the conference on Sunday night. As the new head of the Family History Library and overseer of all the Family History Centers throughout the world, he will give us insight into what innovations we can expect from the library system in the new millennium. **Wayne Metcalf, Director of Acquisition and Field Service Division**, will give a lecture surveying the current state of Jewish record acquisition and also describe the process of deciding how, where, and what to microfilm. Other staff members of the Family History Library will present lectures on their specialties.

Although individual speakers are still in the selection process, the basic structure of the conference has been determined. Sunday daytime will be devoted to registration and meetings of Special

Interest Groups. There will be a four-hour Beginners Workshop Sunday afternoon. A wine and cheese party at 5:00 p.m. will be the prelude to the Opening Session that starts at 7:30.

The Monday through Thursday template provides for three concurrent one-hour lectures during the day. Midday, there will be a break for luncheons sponsored by interest groups. It will be a perfect time to get together with people in a relaxed environment to share your successes and discuss your brick walls. The luncheons also will feature a speaker talking on some light topic of interest to genealogists.

The evening will focus on lectures by noted members of the genealogical community. We all will want to hear from Wayne Metcalf of the Family History Department about the Library's plans for acquisitions in the near future. It is likely such a session will be the only lecture in one of the evening time slots.

SLCY2K • SLCY2K • SLCY2K • SLCY2K • SLCY2K • SLCY2K • SLCY2K • SLCY2K • SLCY2K

SLCY2K • SLCY2K • SLCY2K • SLCY2K • SLCY2K • SLCY2K • SLCY2K • SLCY2K • SLCY2K

Typical Daily Schedule (Monday-Thursday)

(Thursday evening will be the banquet)

7:15-8:15 a.m.	Breakfast with the Experts
8:30-9:30 a.m.	Three concurrent lectures
9:45-10:45 a.m.	Three concurrent lectures
11:00-12:00 a.m.	Three concurrent lectures
12:15-1:45 p.m.	Two concurrent luncheons
2:00-3:00 p.m.	Three concurrent lectures
3:15-4:15 p.m.	Three concurrent lectures
4:30-5:30 p.m.	Three concurrent lectures
7:30-8:30 p.m.	One or two concurrent lectures
9:00-10:00 p.m.	One or two concurrent lectures

Friday morning (9:00–12:00) wrap-up session and focus on the future

About the Family History Library

Salt Lake City is the home to the LDS (Mormon) Family History Library (FHL), a five-story building devoted to genealogical research. Here you have access to more than 2 million reels of microfilm, 700,000 microfiche and 280,000 books. You might say, "Why go to Salt Lake City when I can just stay home and go to my local Family History Center?" Answer: Everything is right there at your finger tips. You can accomplish more in four days at the FHL in Salt Lake City than you can in four years at your local FHC. Additionally, you can access collections in SLC that cannot be obtained in your city of residence. This is especially true of countries outside of North America. Special arrangements are being made in order for us to have maximum access to the Jewish records.



The Family History Library is an "open stacks" library where the vast majority of films of interest to you are located in file drawers on each floor. You just remove the film from the drawer, take it to your microfilm reader, locate the items of interest, take the microfilm to a film copier, make a copy of the record(s), and then return the film to the drawer where you found it.

Hundreds of microfilm readers on three of the floors provide a comfortable working environment including:

- subdued lighting for better viewing
- a lit work space next to each reader for your papers
- an outlet to plug in your laptop computer

Each floor has a Help Desk manned by professionals and trained volunteers to help you with your problems. On the European floor, the personnel can help you translate documents in German, Polish, Russian and other European languages.

Copying equipment is located on each floor to copy microfilm, microfiche and paper documents. Film/fiche copies are 20 cents each; paper copies are five cents each. Change machines in the copying rooms make it unnecessary to bring rolls of coins with you.

Library Hours

Tuesday-Saturday: 7:30 a.m.-10:00 p.m.

Monday: 7:30 a.m.-5:00 p.m.

Closed Sunday.

Hotel Accommodations & Travel

See accompanying registration form.

SLCY2K • SLCY2K • SLCY2K • SLCY2K • SLCY2K • SLCY2K • SLCY2K • SLCY2K • SLCY2K

20th International Conference on Jewish Genealogy 9-14 July 2000 • DoubleTree Hotel • Salt Lake City, Utah

Conference Registration Form

PLEASE TYPE OR PRINT CLEARLY

Last Name _____ First name _____

Spouse/Companion:
Last Name _____ First name _____

Street Address _____

City/Town _____ State/Province _____

Zip/Postal Code _____ Country _____

Telephone: Day () _____ Evening () _____

E-mail _____ Personal Web Page URL _____

Registration

REGISTER ONLINE AND SAVE! EARLY REGISTRATION VIA INTERNET: <http://iajgs.org/slcy2k> \$135
 Charge your registration using MasterCard or Visa. We will not charge your account until late April.

EARLY REGISTRATION (Must be postmarked by April 30, 2000) \$140 _____
 Register before April 30 to receive a copy of the 40-page *Making the Most of Your Research Trip to Salt Lake City* in late May. Late registrants will receive it at the conference.

EARLY REGISTRATION FOR SPOUSE/COMPANION (no printed materials provided) \$65 _____

LATE REGISTRATION (After April 30, 2000) \$165 _____

LATE REGISTRATION FOR SPOUSE/COMPANION (no printed materials) \$90 _____

DAILY ATTENDANCE REGISTRATION (no printed materials included)
 Sun Mon Tues Wed Thur @ \$60 per day _____

ADDITIONAL SYLLABUS ORDER _____ number of copies @ \$25 each _____

Special Events

LUNCHEONS (number of reservations):

Monday: _____ German SIG _____ JewishGen @ \$19 each _____

Tuesday: _____ Latvia SIG _____ Galicia SIG

Wednesday: _____ Belarus SIG _____ Avotaynu

Select meal: _____ Regular _____ Vegetarian

BANQUET • Thursday evening, July 13, 2000 _____ number of tickets @ \$35 each _____

Select meal: _____ Chicken _____ Fish _____ Vegetarian _____ Kosher

TOTAL _____

Conference Registration Form – Page 2

Print your name as you wish it to appear on your name tag: _____

Print up to 4 ancestral surnames and towns that you are researching. These names will appear in the conference Family Finder. Be sure to use the modern spelling as listed in *Where Once We Walked*.

Surname	Town and Country
_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____

Print spouse/companion's name as it should appear on his/her name tag

Surname	Town and Country
_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____

How many years have you been researching your family history? _____

How many previous annual conferences on Jewish genealogy have you attended? _____

Do you have a disability that requires an accommodation? If so, please describe?

Please let us know your needs by June 1, 2000

Do you need a roommate?

For assistance in finding a roommate, fill in the appropriate information below.

Male OR Female

Smoking OR Non-smoking

Date of Arrival _____

Date of Departure _____

RETURN YOUR COMPLETED REGISTRATION FORM AS SOON AS POSSIBLE***Mail registration form and payment to:***

International Conference on Jewish Genealogy
P.O. Box 99; Bergenfield, NJ 07621

If you have any questions:

Call 201-387-2892, fax 201-387-2855,
e-mail seminar@iajgs.org

METHOD OF PAYMENT: Persons in the U.S. should pay by check or money order payable to "IAJGS, Inc." Others may pay by check on a U.S. bank or by Visa or MasterCard (include account number and expiration date).

REFUND POLICY: A full refund will be made upon written request postmarked by June 15

Between June 15–July 9 a refund will be made less a \$30 administrative charge

Thereafter there are no refunds

Hotel Reservation Information: To receive our group reservation rate, call the DoubleTree Hotel reservation system at 1-800-222-TREE and indicate you are attending the International Conference on Jewish Genealogy. The conference rate is \$125 per night single/double or \$140 triple. Rate for Friday and Saturday nights is \$79. You must make your reservation by June 15, 2000 to get this rate. Make your reservation early to assure the room block is not sold out.

Travel Arrangements: Special discounts for air travel, both domestic and international, are available through American, Delta and Continental airlines. For quotes and reservations, e-mail Evan Stolbach at <estolb7395@aol.com> or call Oakland Travel at 800-462-4105 and ask for the IAJGS Salt Lake City conference discount.

ESTADO DE



SÃO PAULO

CERTIDÃO DE CASAMENTO

DISTRICTO DE PAZ DA MOÓCA

DO MUNICIPIO E COMARCA DA CAPITAL

N. 116

L. 5. Fls. 16688

Certifico que no dia 26 de Fevereiro de 1914, às 14 horas, neste districto da Moóca, comarca da Capital, em sala das audiencias, perante o juiz de paz e casamento Tenente Coronel Albino Soares Buião, depois da habilitação legal conforme a lei, receberam-se em matrimonio Jacob Tabacow Kaidal, filho legitimo de Jacob Tabacow Kaidal e de Dona Esther Tabacow Kaidal, com 24 annos de idade, solteiro, natural desta Capital, residente em Districto e Dona Fanny Goldsteim, filha legitima de Meyer Goldsteim e de Dona Alma Goldsteim, com 20 annos de idade, solteira, natural desta Capital, residente em Districto, conforme se vi da acta lavrada e assignada no livro competente ao qual me reporta o dou fe.

Districto da Moóca, 26 de Fevereiro de 1914

O official do registro civil:

(Signature)



expediente

GERAÇÕES / BRASIL

é uma publicação semestral da Sociedade Genealógica Judaica do Brasil (organização sem fins lucrativos) filiada à Association of Jewish Genealogical Societies (AJGS/USA)

Editores

Guilherme Faiguenboim
Reuven Faingold
Alain Bigio
Anna Rosa Campagnano
Paulo Valadares

Layout e diagramação

Paulo Valadares - coordenação
Alfredo P. Santana - diagramação

Endereços para correspondência

Caixa Postal 1025
Campinas - São Paulo
13001-970
E-mail: faiguen@attgloblal.net

Filie-se à Sociedade Genealógica Judaica do Brasil / Pague a sua Anuidade (R\$ 20,00)

Para tornar-se um membro da Sociedade Genealógica Judaica do Brasil, envie este cupom preenchido, juntamente com um cheque nominal de R\$ 20,00

Nome _____

Endereço Completo _____

Telefone () _____ E-mail _____